

ABR 1917

29-3  
5191

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA



LISBOA  
Na Officina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.  
MCMXVIII



## SUMÁRIO

N.º 29-30 — DEZEMBRO DE 1918 E JANEIRO DE 1919

	Pag.
A porcelana em Portugal — Primeiras tentativas — <i>D. José Pessanha</i> .....	65
Portaes e «Molhólas» de Castelo de Vide — <i>Luis Keil</i> .....	73
O Templo das Siglas-II — Historia e estilo — <i>Dr. Aarão de Lacerda</i> .....	78
Tecidos Medievais Portuguezes (?) — <i>D. Sebastião Pessanha</i> .....	81
A Feira de Guimarães — <i>Alfredo Guimarães</i> .....	89
O Carro Rural Portuguez — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .....	90
Rabanadas da Consoada — <i>Dr. Severo Portela</i> .....	94
Cronica: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.....	96
Franco de armor, de estylo gothico — escudo xv — (em folha solta).	

Só se publica a colaboração sollicitada «por nós».

A Terra Portuguesa só permitta com publicações de sua índole.

Todos os pedidos de fasciculos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos á Livraria Ferin, Lisboa.

Preço d'este numero: \$50



# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO: VERGILIO CORREIA	EDITOR E PROPRIETARIO: D. SEBASTIÃO PESSANHA	DIRECTOR ARTISTICO: H. SANTOS JUNIOR
ANNO 3. <sup>o</sup> — N. <sup>os</sup> 29-30	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Largo do Calhariz, 9, 2. <sup>o</sup> , D. — Lisboa Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa	DEZEMBRO DE 1918 E JANEIRO DE 1919

## A PORCELANA EM PORTUGAL

### PRIMEIRAS TENTATIVAS

#### I

**N**AS suas *Noticias de Portugal*, cuja primeira edição é de 1655, refere-se Manuel Severim de Faria a *porcelanas de Lisboa*, fabricadas, desde poucos annos, por um oleiro hispanhol, vindo de Talavera (1).

Não se deprenda, porém, dessa referencia que o fabrico da porcelana, propriamente dita, começasse em Portugal meado o seculo xvii, porque foi segredo para os oleiros da Europa até o começo do immediato. A mais antiga fabrica europeia — a de Meissen (Saxonia) — foi fundada, por Bœtticher, em 1709.

Como as de Talavera-de-la-Reina, as louças produzidas pelo artifice hispanhol, e com tanto apreço mencionadas pelo nosso erudito escriptor seiscentista, eram, sem duvida, *faianças*. Em Hispanha, só meado, pouco mais ou menos, o seculo xviii, se fabricaram pela primeira vez porcelanas, — em Alcora (2).

Os industriaes, como diz Vogt, para attrahirem a attenção e alcançarem privilegios, qualificavam geralmente de *porcelanas* os seus artefactos. Assim se tem falado em *porcelanas de Ruão, de Saint-Cloud*, etc., e assim o auctor das *Noticias de Portugal*, que decerto

(1) «Poucos annos ha que hum oleiro, que veio de Talaveira a Lisboa, vendo a bondade do barro da terra, começou a lavar louça vidrada, branca, não só como a de Talaveira, mas como a da China; porque, na fermosura & perfeição, podem competir as percolanas de Lisboa com as do Oriente; & imitando outros officiais, cresceu a mercadoria de maneira, que não somente está o Reyno cheo desta louça, mas vai muita de carregação para fóra da Barra». (Pag. 20 na ed. cit., e pag. 19 na de 1740).

(2) Juan F. Riaño, *The industrial arts in Spain* (London, 1879), pag. 183.



## A PORCELANA EM PORTUGAL

não possuía os conhecimentos especiaes necessarios para distinguir e classificar productos ceramicos, fala de *porcelanas de Lisboa*, acceitando, provavelmente, sem reparo a ostentosa designação com que o ex-official de Talavera procurava encarecer as suas louças.

### II

**F**ORAM os portugueses quem, pelas suas longas e temerarias navegações, introduziu nos mercados europeus a porcelana (1). Fomos tambem nós quem primeiro dissipou as lendas e mysterios que lhe andavam ligados, expondo, na interessantissima relação de Fr. Gaspar da Cruz (1570) (2), os processos pelos quaes se obtinha, na China, esse famoso producto. Foi, todavia, o nosso país dos ultimos a ensaiar o seu fabrico, subindo, apenas, ao derradeiro quartel do seculo XVIII as primeiras tentativas.

Liga-se a ellas um nome conhecidissimo: — o do tenente-general Bartholomeu da Costa.

Em documento inedito, — sem data, — que se encontra no Archivo da Torre do Tombo (3) e que parece memoria destinada a elucidar ou fundamentar algum requerimento para concessão de privilegio ou de qualquer outro auxilio official, o celebre fundidor da estatua equestre narra e exalta assim o seu invento:

«Trabalhando em descobrir o barro que fosse mais infusivel para os fornos da fundição do metal, e achando alguns que tomaram maior grau de dureza com a continuação do fogo dos mesmos fornos, me persuadi achar cousa mais interessante a que se applicasse, do que só do uso dos ditos fornos; e, com effeito, achei que se poderia fazer, como fiz, a porcelana, tão perfeita como a melhor da India, França e Saxonia. Trabalhei pondo em execução estes pensamentos; e, no discurso do laborioso trabalho de anno e meio, conclui as experiencias que mostram as amostras; porém, para dar principio ás minhas idéas, entrei, com grande trabalho, a examinar os auctores de maior nota e mais válidos em suas opiniões, a respeito desta materia; e, por conclusão, achei que, das porcelanas da Europa, todos unanimemente dizem que as fabricas teem costume inalteravel de occultarem com o maior segredo, não sómente as materias que compõem a sua porcelana, mas tambem as differentes fórmas da sua manobra; e sómente nos dão umas relações tiradas do P.<sup>e</sup> du Halde e mais missionarios que escreveram a respeito da China; e, por conclusão, não pude tirar instrucção alguma a respeito da Europa.

Mr. de Réaumur (o primeiro que nisto fallou) teve meios de alcançar as materias com que se compunha a da China; e, ligando-as, diz fizera porcelana igual á da India; e, empenhando-se na diligencia de achar iguaes materias em França, que podessem igualar as da China, nunca poude concluir tal descobrimento. Isto mesmo declarou á Academia das Sciencias, em França, e concluiu dizendo que as

---

(1) João de Barros, *Asia*, decada primeira, liv. VIII, cap. I (fl. 91 e 92 na 1.<sup>a</sup> ed. — 1552 — e pag. 174 a 182 do tom. II na ed. de 1777-78); — Duarte Nunes do Leão, *Descripção do reino de Portugal*, cap. XXXVI (fl. 69 na 1.<sup>a</sup> ed. — 1610 — e pag. 162 na 2.<sup>a</sup> — 1785); — Luis Mendes de Vasconcellos, *Do sitio de Lisboa*, dialogo segundo (pag. 155 na 1.<sup>a</sup> ed. — 1608 — e pag. 179 na 3.<sup>a</sup> — 1803); — Nicolau de Oliveira, *Grandezas de Lisboa*, (fl. 13 v. na 1.<sup>a</sup> ed. — 1620 — e pag. 25 na 2.<sup>a</sup> — 1804.)

(2) *Tractado em que se cõtam muito por estẽso as cousas da China, cõ suas particularidades, e assi do reyno dormuz*, cap. XI (fl. 34 — innumerada — na 1.<sup>a</sup> ed. — 1569-70 — e pag. 77 na reimpressão de 1829, incluída no tom. IV da ed. nesse anno feita, pela Typographia Rollandiana, da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto).

(3) *Documentos vindos do Ministerio do Reino*, maço 1000.



## A PORCELANA EM PORTUGAL

porcelanas são consideradas como meias vitrificações, com a differença que a da India, levada uma vez ao seu grau de cozimento, sustem o maior grau de calor, sem que chegue a total vitrificação. A *Encyclopédie* nos ensina o mesmo; pois diz terem-se empregado a servir de descanso ás materias mais difficeis de fundir pelos mais fortes espelhos ardentes, sem que padeçam alteração alguma; e todos os mais teem seguido esta mesma opinião, assim como tambem aquella de que o maior grau de bondade consiste em suster o maior grau de fogo.

A este respeito, acho que, fazendo eu vaso da minha porcelana e mettendo-lhe alguns cacos da da China juntos com outros da minha mesma, achei que a da China se vitrificou perfeitamente, pois que correu de maneira que a materia ficou vidro, occupando os intersticios e prendendo os cacos da minha, os quaes ficaram sem discrepância no seu primeiro estado e, conseqüentemente, sem damno, presos, como se vê da mesma amostra. E, se o vaso e cacos puderam supportar o fogo que fez vitrificar e correr os da China, parece-me se não pode negar ser a minha mais forte e melhor.

Emquanto á brancura, sem duvida nenhuma que, na Europa, não a ha tão boa como a da fabrica de Sèvres; porque no anno de 1760, tomando el-rei de França esta fabrica por sua conta, no anno de 1762 encarregou a Mr. Hellot, membro da Academia das Sciencias de França e da Sociedade de Londres, e a Mr. Macquer, tambem membro da Academia das Sciencias e doutor regente da faculdade de medicina e antigo professor de pharmacia, o aperfeioá-la, na melhor fórma que seus laboriosos estudos o permittissem; e, com effeito, chegaram a fazer mil e oitocentos experimentos no discurso de dois annos, como nos expõe Mr. Baumé, boticario, e demonstrador em chimica, o qual foi convidado para este grande trabalho; e nella se trabalham as peças de esculptura na ultima perfeição, sem verniz ou vidro algum, conservando-se no seu grau de cozimento sem que o barro haja de tomar lustro, sendo esta a melhor circumstancia, pois que os marmores, para serem perfeitamente acabados, se não pulem, porque, pulindo-se, faz desagradavel á vista, parecendo ficar imperfeitos os musculados da figura.

A minha é muito mais branca, como se vê nas amostras; parece que, tambem neste ponto, não se duvidará ser mais perfeita.

Emquanto á sua dureza interior, faz ou soffre o mesmo que a da China, desatando fogo á pancada do fusil; e, emquanto á sua grã, compacto e transparencia, é igual á da China.

A ultima parte da perfeição, na porcelana, consiste no seu vidro ou verniz, capa de fóra. Nesta parte, a de Saxonia excede á da China, porque é mais infusivel e clara, segundo o seu experimento. O vidro da minha porcelana me parece excede a ambas, porque, juntando um caco vidrado de Saxonia com outro vidrado da minha, o meu susteve o grau de calor perfeitissimamente e o de Saxonia correu.

Não tenho feito exame algum a respeito da manufactura, ornatos exteriores e pinturas, por ser laborioso este trabalho e não ter certeza da acceitação dèste meu primeiro descobrimento.»

Cumpre observar que, nos trabalhos e invenções de Bartholomeu da Costa, parece ter tido influencia (difficil, agora, de avaliar com rigor) João Drouet, fundidor francês, contratado para dirigir, com Pedro Brocard, os trabalhos de fundição no Arsenal do Exercito, em Lisboa. A esses profissionaes referem-se as seguintes cartas, ineditas — duas de Martinho de Mello e Castro, nosso ministro em Londres, e uma do marquês de Pombal, em resposta á que lhe é dirigida:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Escrevo a V. Ex.<sup>a</sup> esta carta, para lhe falar em um machinista ou fundidor, chamado Drouet, de nação franceza, que se acha presentemente nesse reino, empregado no serviço del-rei, nosso senhor. Um irmão do embaixador de Hispanha nesta côrte me falou neste homem, mostrando-me uma carta sua, que ultimamente recebeu de Lisboa, na qual o dito Drouet lhe referia que, tendo-se offerecido á côrte de Madrid e não podendo convir em ajuste algum que lhe fizesse conta, passára a Portugal, onde foram acceitas as suas proposições, e elle empregado para as executar. Com a dita carta, lhe mandou um papel, o qual o irmão do mesmo embaixador tambem me mostrou, e que continha as referidas proposições, que, — segundo o que me posso lembrar, — consistem:

Em se obrigar a fabricar toda a sorte de artilharia, assim de ferro como de bronze, segundo o methodo do famoso Maritz;



## A PORCELANA EM PORTUGAL

Toda a sorte de balas, bombas e mais petrechos desta qualidade;

Espingardas e differentes outros instrumentos de fogo.

Creio que até se obriga a buscar no reino minas de carvão e aperfeiçoar as que já se acharem descobertas.

V. Ex.<sup>a</sup> verá se este extracto se conforma, em todo ou em parte, com as proposições do dito Drouet, advertindo que o excesso ou a falta que aqui observar, provém da minha memoria; mas é certissimo que o irmão do embaixador de Hispanha tem as taes proposições por extenso; e não lhe pedi uma copia dellas por lhe não dar occasião a reparar na minha curiosidade.

O mesmo accrescentou que se admirava de que a côrte de Madrid não tivesse empregado o dito Drouet e que o deixasse sair de Hispanha; porque, realmente, era um dos mais habeis machinistas que presentemente se conhecia.

A sinceridade com que o irmão do embaixador me falou nesta materia, e o character da nação franceza, que não tem muita reserva, mostra bem que não houve, da parte de Drouet, nem malicia nem outra intenção mais, que a de fazer conhecer á côrte de Madrid o que perdera e o que nós conseguimos. Desejára, porém, que, achando-se o dito francês ao serviço del-rei, nosso senhor, fosse mais circumspecto e se abstivesse de dar noticias do que ahi se passa.

Achando-me a fazer esta carta, entra nesta casa outro francês, machinista e fundidor, chamado Pierre Brocard, com differentes planos sobre o methodo de fundir e furar as peças de artilharia; facilmente entendi que era do mesmo officio de Drouet; e, perguntando-lhe se o conhecia, me respondeu que perfeitissimamente; que, nas fabricas d'Angoumois e de Périgord, era o segundo depois do famoso Maritz; mas que, entre os fabricantes, passava por igualmente forte.

Perguntei-lhe quanto ganhava de ordenados: disse-me que Drouet ganhava mil escudos e que tinha outras differentes gratificações, com que sustentava carruagem, e casa muito decente; que elle, Brocard, ganhava mil francos, casas na fabrica e ração.

Quando soube que Drouet se achava ao serviço de Portugal, levantou as mãos ao ceu, dizendo: — «Em que estado se acha a França, que perde um homem semelhante!»

Segurou-me que o mesmo Drouet podia dar informações d'elle, Brocard, que fôra seu segundo nas sobreditas fabricas d'Angoumois e de Périgord, por tempo de nove annos.

Perguntei-lhe mais por que razão assim elle como Drouet largaram o serviço de França: respondeu-me que, no tempo da guerra, lhes não pagaram alguns annos, e que, depois da paz, sómente satisfizeram uma pequena porção de ordenados, devidos anteriormente á mesma guerra, de sorte que a falta de pagamento os obrigava a fugir, e buscar que comer por outra parte.

Faço a V. Ex.<sup>a</sup> este detalhe, que não deixa, em primeiro logar, de dar uma pequena idéa do estado a que se acha reduzida a França; em segundo, porque d'elle se infere que Hispanha, por contemplação áquella côrte, não quer admitir homens tão raros como Drouet; em terceiro, que é um incomparavel acerto e uma grande fortuna de irmos, em taes circumstancias, recolhendo estes preciosos despojos; e, em quarto, que, se V. Ex.<sup>a</sup> quer o dito Pierre Brocard, que me parece excellente, com o aviso de V. Ex.<sup>a</sup> o ajustarei, e logo passará a Lisboa, em um navio mercante.

Espero brevissimamente dar boas noticias a V. Ex.<sup>a</sup> do negocio em que lhe falei na carta que levou a data de 22 de março, e que começa com as palavras — «Na carta que escrevi a V. Ex.<sup>a</sup>» — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Londres, 10 de abril de 1764. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. conde de Oeiras. — *Martinho de Mello e Castro* (1).

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — O portador desta carta é Pedro Brocard, francês de nação, no qual falei precedentemente ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. conde de Oeiras e que, achando-se aqui sem ter que fazer, me pediu lhe quisesse pagar a sua passagem, porque desejava ir a Lisboa offerecer-se ao serviço del-rei, nosso senhor; e, como nessa côrte já se acha João Drouet, official do mesmo officio, parece-me que o dito

(1) Bibliotheca Nacional, *Collecção Pombalina*, cod. n.º 611, fl. 65.



## A PORCELANA EM PORTUGAL

Brocard não será inútil para a fundição da artilharia, nem que a V. Ex.<sup>a</sup> será desagradavel ouvir a historia dèstes dois officiaes, na sua peregrinação de Hispanha.

Pedro Brocard serviu em Périgord, na fabrica da fundição de artilharia de ferro, por tempo de seis annos, debaixo da direcção do marquês de Montalembert; passou depois ás fabricas de l'Angoumois, onde trabalhou na artilharia de bronze, debaixo da direcção de João Drouet, por tempo de dois annos.

Faltas de pagamentos e a esperanza de fazer fortuna em paizes estrangeiros fizeram resolver Brocard a fugir de França e passar a Hispanha. Drouet fez o mesmo, e ambos se encontraram em Victoria, villa de Hispanha, distante onze leguas de Bilbáo; daqui passaram a Madrid; e, falando ao conde de Aranda, que, nesse tempo, tinha a inspecção geral da artilharia, o dito conde os remetteu a Maximiliano de la Croix, para que visse o plano de furar a artilharia e examinasse as mais proposições sobre o mesmo sujeito.

La Croix, informando o conde de Aranda da utilidade de tudo o que os dois officiaes propunham, este os tomou ao serviço de Hispanha, dando-lhes, por primeira entrada, os mesmos ordenados que tinham em França; isto é: a Drouet, mil escudos, ou quatrocentos e oitenta mil réis; e a Brocard, mil e duzentas libras, ou cento e noventa mil réis.

Prometteu-lhes, além da referida somma, ordenados dobrados, logo que a experiencia mostrasse a utilidade do que propunham, assim para fundir artilharia, como para o modo de a furar.

Com este acôrdo, passaram os dois officiaes a Sevilha, acompanhados de um capitão de artilharia, onde estabeleceram o seu engenho, e furaram nelle duas peças, fundidas nos fornos que os hispanhoes têm naquella cidade.

E' de advertir que a despesa da erecção do dito engenho, correndo por conta e debaixo da inspecção de um official-general hispanhol, este a fez montar a sessenta mil libras de França, ou nove contos e seiscentos mil réis, ao mesmo tempo que os ditos officiaes se obrigavam á erecção de cada engenho por preço de oito mil libras, ou um conto duzentos e oitenta mil réis, e que ainda desta somma lhes ficaria algum proveito.

Emfim, vistas e examinadas as ditas duas peças, foram approvadas, e reconhecida a utilidade do modo de as furar, passando-se disto attestações, que se mandaram ao conde de Aranda, a Madrid.

Dellas, porém, não resultou effeito algum, ficando os ditos officiaes em Sevilha, ganhando por alguns annos os seus ordenados, sem emprego nem destino.

O conde de Aranda, demittindo-se neste tempo da inspecção da artilharia, e succedendo-lhe Maximiliano de la Croix, este, não podendo obter decisão alguma a respeito de Drouet e de Brocard, lhes aconselhou de passarem a Ximena, logar pertencente ao duque de Medina Sidonia, e que allí estabelecessem uma fabrica, ajustando-se ou fazendo uma especie de sociedade entre elles, o duque e um negociante francês estabelecido em Cadiz, chamado Boitet, para construir artilharia de ferro, que el-rei poderia tomar, depois, a um certo preço.

Immediatamente, porém, que se quis pôr por obra o referido plano, se oppôs a marquez de Villa Castel, a qual tem um privilégio exclusivo para a fundição e fabricas de artilharia de ferro, com outras obras da mesma natureza. E nesta fórma se desvaneceu o plano proposto por Maximiliano de la Croix.

Em taes circumstancias, vendo os dois fabricantes que, no discurso de sete ou oito annos em que se achavam ao serviço de Hispanha, não tinham conseguido nem poderam fabricar mais que duas peças de artilharia de bronze, uma de dezesseis e outra de doze, e que não tinham probabilidade nem esperanza alguma de fazerem maior fortuna, que a dos simples ordenados que lhes accordaram por primeira entrada, resolveu-se Drouet a passar a Lisboa, e Brocard a vir a Inglaterra.

Esta é a relação que este fabricante me fez; e, como me parece habil e que poderá servir, resolvi-me a lhe fazer algum bem, depois que se acha em Londres, a pagar-lhe a passagem na fórma que me pediu, e a recommendá-lo a V. Ex.<sup>a</sup>, caso que o ache digno de ser empregado no serviço de Sua Magestade. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Londres, 16 de maio de 1764. — Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado. — *Martinho de Mello e Castro* (1).

(1) Bibliotheca Nacional, *Collecção Pombalina*, cod. cit., fl. 115.



## A PORCELANA EM PORTUGAL

*Respostas que se devem fazer o Martinho de Mello e Castro, no dia 2 de julho de 1764, sobre as suas cartas das datas abaixo accusadas.*

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Com uma das cartas que V. Ex.<sup>a</sup> me dirigiu na data de 16 de maio, recebi as amostras de cobre e estanho que a acompanharam, e a relação dos seus preços, os quaes pareceram excessivos a todos os professores que foram consultados sobre esta materia. Porém, como V. Ex.<sup>a</sup> esperava outras semelhantes informações da Suecia e Dinamarca, á vista das amostras e preços que trouxeram, responderei a V. Ex.<sup>a</sup> com a ultima resolução, que, agora, não cabe no possível.

O fundidor Drouet appareceu, com effeito, e se acha trabalhando em erigir novas machinas e uma amplissima fornalha, donde podem sahir oito peças de trinta e seis, em cada fundição. Tambem chegou, e fica trabalhando com elle, o outro fundidor, Pedro Brocard, portador da outra carta de V. Ex.<sup>a</sup>, que trouxe a mesma data. O que, por ora, posso dizer a V. Ex.<sup>a</sup>, é que elles ficaram admirados da habilitade dos artifices que trabalham nas referidas officinas; que a ellas se applica toda a diligencia, e que, logo que forem acabadas e experimentadas, informarei a V. Ex.<sup>a</sup> do que se observar no exercicio dellas.

Tambem recebi a carta familiar de V. Ex.<sup>a</sup>, que trouxe a data de 19 do referido mês de maio, com os oito tomos dos *Actos do Parlamento*, e com os moveis do defunto correio Antonio José da Costa, os quaes logo foram entregues á sua viuva. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, etc. (1).

Num requerimento em que pede remuneração dos seus serviços de quarenta e sete annos (2), expõe Bartholomeu da Costa que, em 1764, fôra promovido ao posto de sargento-mór, na occasião de se admittir no Arsenal do Exercito um francês, para estabelecer alli os methodos praticados em França; e affirma que esse estrangeiro, reconhecendo que taes methodos não se avantajavam aos seus, fugira, «*adquirindo mais, no que viu praticar, do que deixou*».

E' evidente que, por este simples depoimento de Bartholomeu da Costa, não podemos apreciar o merito de Drouet, nem determinar rigorosamente a parte que deva ser-lhe attribuida, na gloria que tem envolvido o nome do official português.

As palavras de Pombal, na carta a Martinho de Mello, relativamente á impressão causada no espirito de Drouet e Brocard pela habilitade dos nossos artifices, e, mais ainda, a peremptoria affirmação que o energico estadista faz, nas *observações secretissimas* que, oito dias depois da inauguração da estatua equestre, entregou ao soberano, de que todos os difficilimos trabalhos do bello monumento haviam sido realizados por mãos de portuguezes, e de que nenhuma inveja podiam suscitar a Portugal os mais notaveis fundidores estrangeiros (3), — confirmam, sem duvida, a exposição de Bartholomeu da Costa.

A esse e outros analogos testemunhos de contemporaneos, alguns ha, no entanto, e valiosos, a contrapôr. Invocarei quantos conheço, — favoraveis e contrarios, — para que o leitor possa julgar com perfeito conhecimento de causa.

Machado de Castro, procurando, embora, quer na sua *Descripção analytica da execução da estatua equestre*, quer na *Memoria* que sobre o tão celebrado monumento publicou

(1) Bibliotheca Nacional, *Collecção Pombalina*, cod. n.º 634, fl. 357.

(2) Torre do Tombo, *Documentos vindos do Ministerio do Reino*, maço 683.

(3) *Cartas e outras obras selectas do marquez de Pombal*, tom. I (Lisboa, 1820), pag. 19.



## A PORCELANA EM PORTUGAL

em o *Jornal de Coimbra* (1), quer, ainda, na *Ode* (2) a el-rei D. José, pôr em relêvo a importancia fundamental da sua collaboração nessa obra (importancia desconhecida, não só do vulgo, mas até de homens illustrados) (3), e não obstante afirmar que, depois de publicadas as noticias das fundições das estatuas de Luiz XIV e Luiz XV, era «*cousa de facil accesso*» fundir uma estatua como a D. José (4), — prodigaliza, ainda assim, os mais rasgados elogios a Bartholomeu da Costa (5), e não fala de Drouet.

O capitão de engenheiros Manuel de Sousa, traductor de Molière e amigo de Filinto Elyσιο (6), numa relação, inedita, da solemnidade da inauguração do monumento (7), encarece, quanto possivel, nas passagens que em seguida transcrevo, o merito de Bartholomeu da Costa:

«Nunca vira Bartholomeu da Costa outra fundição, nem os engenhos com que as peças se brocavam; mas este genio, verdadeiramente creador, e capaz de produzir, do seu cabedal, novas machinas, as inventou, não sómente para se brocarem as peças e morteiros, mas tambem para se tornar toda a artilharia, ainda pelos munhões e culatra, engenhos vistos no mundo a primeira vez e que pareciam impossiveis aos mesmos estrangeiros o terem o seu devido exito; e que só podiam ser fructo da apurada meditação de um tão raro engenho, que com razão se podesse avaliar pelo do melhor machinista do mundo. (Fl. 13.)

«Não deixarei em esquecimento, para gloria da nação, o novo descobrimento que vimos em Portugal, em nossos dias. As nações mais potentadas e polidas da Europa ha muitos annos que andam apostadas no descobrimento da porcelana, trabalhando baldadamente por desbancarem os japoneses. Desde o anno de... em que Réaumur começou esta empresa, lhe tem outros muitos imitado o zêlo; e, bem que se tenham esmerado, nunca puderam, até agora, imitar-lhe a rizeja e candura. Introduziram na sua construção a pedra hume; mas foi tentativa infructuosa. Toda a porcelana da Europa se pode fundir dentro da da China.

«Tempo havia já que Bartholomeu da Costa, tenente-coronel engenheiro, de quem já falamos, e falaremos ainda, estudava nesta composição; e, com a aberta que lhe deu a escolha dos barros na fundição da real estatua, fez as suas primeiras experiencias da porcelana. Saiu esta infinitamente

(1) Vol. II (1812), pag. 348-356 e 429-439. D'esta *Memoria*, — resumo da *Descripção analytica*, — ficou inedita a quarta e ultima parte, que tinha por objecto a apreciação de escriptos estrangeiros ácerca do monumento (V. a *Observação* dos redactores, a pag. 311 do vol. III).

(2) *Ao rei fidelissimo D. José I, nosso senhor, collocando-se a sua colossal estatua equestre na praça do Commercio*. *Ode*, por Joaquim Machado de Castro, estatuario da mesma regia estatua, e de toda a esculptura adjacente. — Lisboa 1775.

(3) Observa Jacome Ratton, nas suas interessantes *Recordações* (Londres, 1813): — «He cousa digna de se notar que pertencendo a Joaquim Machado a invenção, desenho, modelo em pequeno, e em grande da dita estatua, e a Bartholomeo sómente a fundição em que foi feliz, recahisse toda a gloria, e até recompensas neste ultimo, como se vê da inscripção que se acha no Pedestal.» (Pag. 309.)

(4) *Jornal de Coimbra*, vol. II, pag. 354, nota.

(5) *Descripção analytica*, cap. IX.

(6) Sobre este escriptor, vid. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tom. VI, pag. 112, e tom. XVI, pag. 338; e as seguintes obras de Theophilo Braga: *A Arcadia Lusitana*, pag. 108 e 342; *Filinto Elyσιο e os dissidentes da Arcadia*, pag. 155; *Bocage*, pag. 129.

(7) *Relação da solemnidade com que o povo de Lisboa celebrou a inauguração da estatua equestre del-rei D. José primeiro*. A que precede um succinto elogio das principaes acções deste monarcha. — (Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção de Mss., n.º 451. — Cópia feita do original, no comêço do seculo XIX, por ordem do bibliothecario-mór, dr. Antonio Ribeiro dos Santos.)



## A PORCELANA EM PORTUGAL

melhor que todas as de que temos noticia, e superior á mesma do Japão; pois, por uma constante experiencia, se chega a do Japão a fundir dentro nella. Tem uma alvura incomparavel; e tal consistencia, que, impresso nella um delicado cunho, conserva os mais ligeiros rasgos do buril. A este genio, verdadeiramente raro, devemos esta invenção, em que inutilmente se tem esmerado tantos talentos raros e genios sutis. (Fl. 25.)

.....  
«Tocou ao mesmo sabio fundidor o tirar a estatua da cova onde se fundira e acabára; e, para isto, foi inventor de uma nova machina, cuja descripção é aqui impropria, mas não o é o louvor que por ella merece, pois alli se vê, comò em tudo o mais, uma nova applicação dos principios de mechanica, tirada do fecundo engenho do mesmo auctor, sempre creador de cousas novas e de cousas grandes.» (Fl. 64 v.º)

Na sua *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e esculptores, architectos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal* (Lisboa 1823), ao occupar-se do gravador João de Figueiredo, refere-se tambem o pintor e historiographo Cyrillo Volkmar Machado aos trabalhos ceramicos de Bartholomeu da Costa:

«João de Figueiredo, em 1775, abriu huma medalha de 3 polegadas de diametro representando a Estatua Equestre do Senhor D. José I.º e foi impressada em varios metaes, e em porçolana de Bartholomeu da Costa, a qual sendo tão clara, e diafana como a da China, resistia muito mais que ella ao ferro, e ao fogo. Em 82, fez o punção do Retrato da Senhora D. Maria I.ª para os Camafeos do porçolana do mesmo Bartholomeu, que se usarão em anneis.» (Pag. 279.)

Nenhuma allusão a Drouet, que, todavia, segundo veremos, parece ter precedido Bartholomeu da Costa no descobrimento da argilla refractaria, elemento essencial na composição da porcelana dura.

Ao tratar de Machado de Castro, refere-se ainda Volkmar a Bartholomeu da Costa, como fundidor da estatua equestre (pag. 266), e tambem nesse ponto não allude a João Drouet.

José Accursio das Neves, cujos trabalhos historicos e economicos, já hoje não muito vulgares, encerram noticias valiosas sobre o renascimento industrial tentado por Sebastião José de Carvalho, cita, como fundidor, Bartholomeu da Costa, a quem qualifica de *insigne*, afirmando que foi no Arsenal do Exercito que elle aprendeu e praticou, sem, no entanto, se referir a Drouet (1).

Os ensaios de Costa para obter a porcelana, menciona-os José Accursio das Neves, quando, no capitulo XVII das suas *Noções*, se occupa da fabrica de loiça, — a celebre *fabrica do Rato*, cujos productos (diga-se de passagem) trata com immerecido desdem:

«Duas tentativas se tem feito para introduzir em Portugal a manufactura da porcelana: huma mais antiga pelo Tenente-General *Bartholomeo da Costa*, que chegou a fabricar mui bellas peças desta louça, que forão apresentadas á Senhora Rainha *D. Maria I*, a qual não progredio por falta de auxilios: outra mui recente por *José Ferreira Pinto Basto*, que actualmente se esforça para levar ao fim esta empreza na sua fabrica d'Aveiro.» (Pag. 248-249.)

(Continúa)

D. JOSÉ PESSANHA.

---

(1) *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a producção, e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do suburbio do Rato e suas anexas* (Lisboa, 1827), pag. 274.





PANNO DE ARMAR, DE ESTYLO GOTHICO (SECULO XV)





## PORTAES E «MOINHÓLAS» DE CASTELO DE VIDE



s velhos bairros de Castelo de Vide, com as suas ruas tortuosas e ingremes, vielas estreitas dispostas em escadarias, possuem a mais completa *coleção* de portaes antigos que eu conheço. Aparecem uns ogivados, outros rendilhados, quasi todos com as pilastras ou capiteis esculpidos, muitos com emblemas curiosos ou figuras heraldicas nas suas grossas vergas de granito, sobresaindo na alvura das paredes escaioladas, fazendo conservar a parte dessa linda vila um aspecto medieval, que me recorda, longe dali e embora com outras características, o burgo de Castelo Rodrigo, as antigas ruas de Freixo, ou essa praça de Aguiar da Beira que nos transporta em pleno seculo xv.

O alemtejano, tão cuidadoso em cair as paredes das suas casas — e rara é a semana em que não proceda a tal operação —, respeitou, na sua maioria, o tom acinzentado das cantarias dos velhos portaes.

Divisam-se ali, n'uma grande sucessão e variedade de estilos, as influencias que no rustico canteiro produziram os modelos usados então, e ainda a fantasia de alguns artistas que foram modificar de modos caprichosos e extravagantes as fôrmas severas do seu tempo.

Possivel é que o canteiro que esculpiu a cinzel, talvez as suas iniciaes, n'um portal da rua da Fonte, tivesse descoberto algures, e copiado, uma d'essas pedras entalhadas com simples linhas paralelas ou quebradas que foram lavradas há alguns milhares de anos pelos habitantes preistoricos da região.

Noutro portal, a curvatura on-deante das linhas e os arabescos dos capiteis, denotam que o artista viu, de certo, os restos de um monumento arabe e nele se inspirou.

Ao lado de porticos de character puramente gótico encontram-se outros de arcaria simples, cuja estructura é essencialmente romana. A visinhança das ruinas de Medobriga — a Aramê-nha dos tempos modernos — influenciou, sem duvida, o lavrante de pedras da região, que foi ali buscar, a par dos modelos para as suas obras, os inumeros blócos de pedra lavrada que aproveitou para os portaes, janelas, beiraeas e outras construções.

Os destroços da velha cidade dos «plumbiarios» foram, de resto, uma fonte inexgotavel de cantarias apare-

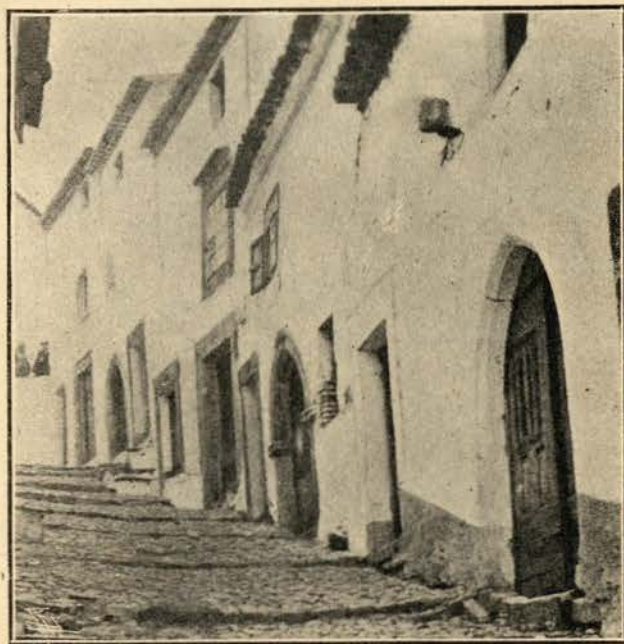


FIG 1 — RUA VELHA EM DEGRÁUS, CHAMADA DO MESTRE JOÃO



PORTAES E «MOINHOLAS» DE CASTELO DE VIDE

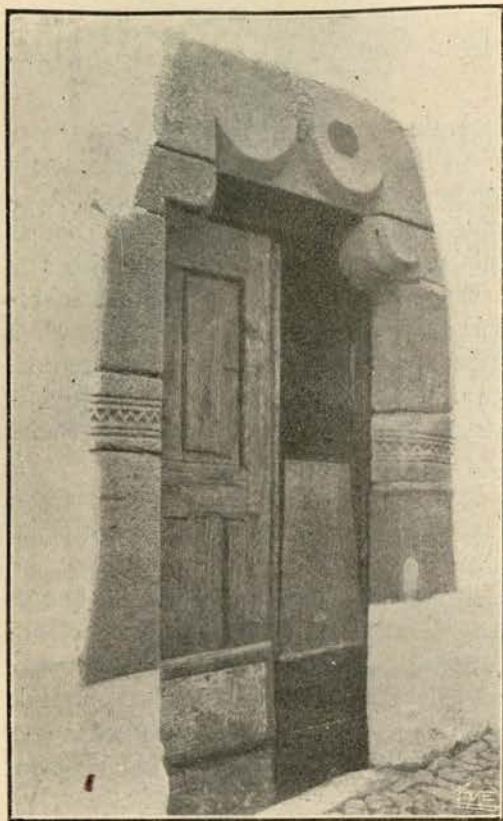


FIG. 2 — BAIRRO DO CASTELO — PORTAL MANUELINO

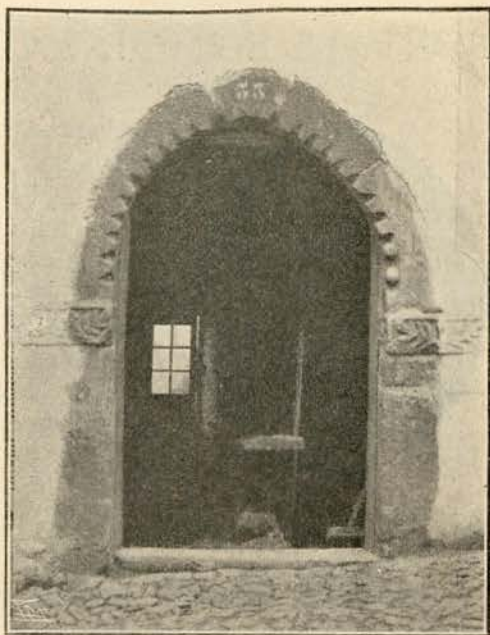


FIG. 4 — PORTAL QUATROCENTISTA NO BAIRRO DO CASTELO  
COM CAPITEIS LAVRADOS E A ARQUIVOLTA RECORTADA

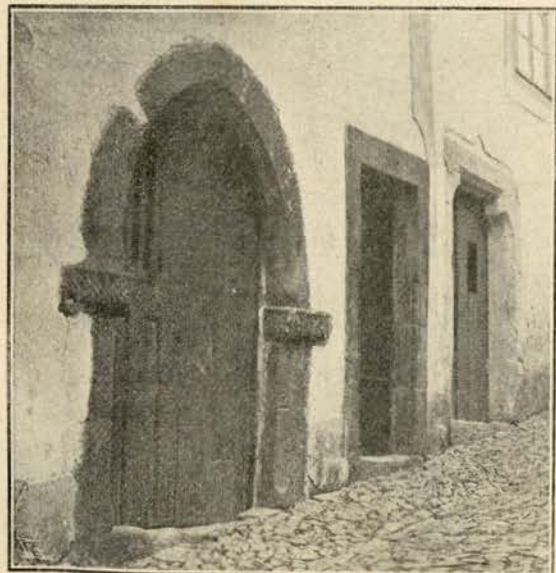


FIG. 3 — NO BAIRRO DO CASTELO

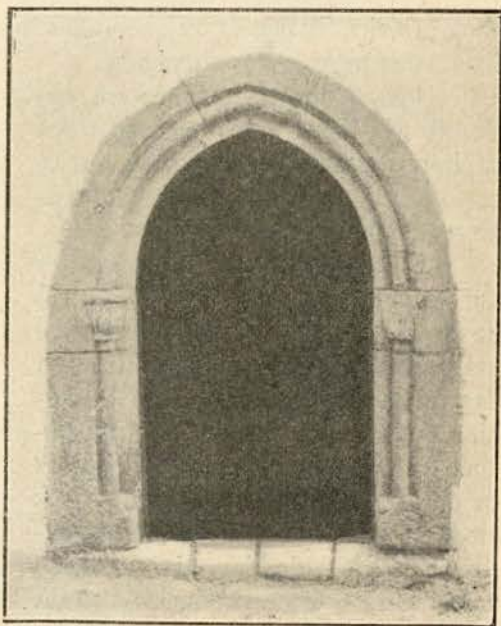


FIG. 5 — PORTAL TRECENTISTA DA CAPELA DO SALVADOR  
DE CASTELO DE VIDE



PORTAES E «MOINHOLAS» DE CASTELO DE VIDE

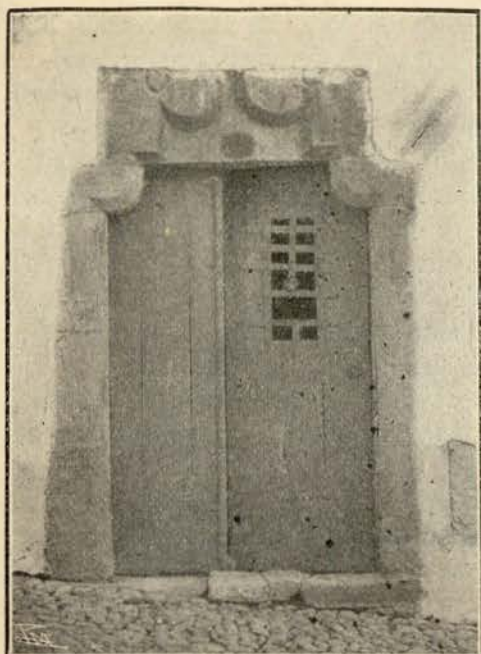


FIG. 6 — PORTAL QUINHENTISTA NO BAIRRO DO CASTELO

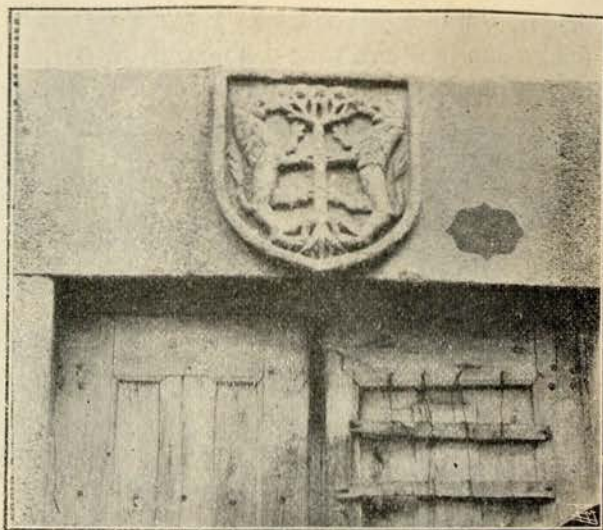


FIG. 8 — ARMAS DO RENASCIMENTO LAVRADAS NUMA PORTA DO BAIRRO DO CASTELO



FIG. 7 — PORTA MAMUELINA DE UMA CASA ARRUINADA NO TORREIRO DA ALEGRIA

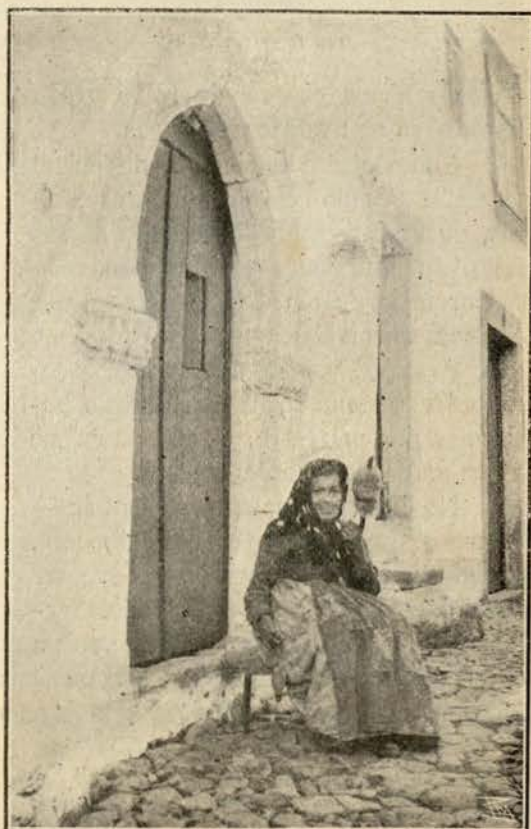


FIG. 9 — NA RUA DA JUDIARIA



## PORTAES E «MOINHOLAS» DE CASTELO DE VIDE

lhadas, durante os seculos xv e xvi, a tal ponto que o bispo D. Jorge de Melo, quando quiz fundar um mosteiro (que é hoje o de S. Bernardo de Portalegre), escolheu, primitivamente, para o construir, o sitio da Aramêna, «pela muita quantidade de pedras e marmores já trabalhados existentes nas proximidades».

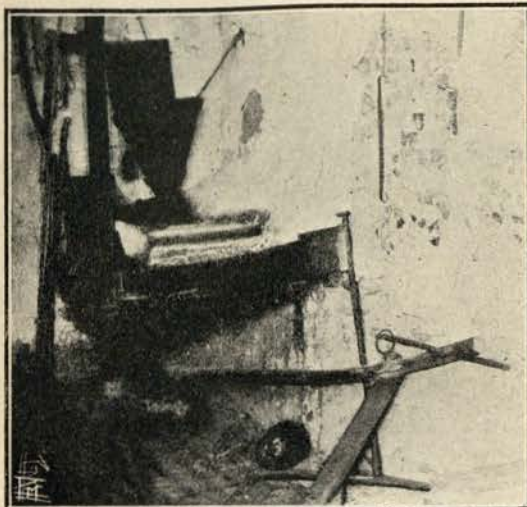


FIG. 10 — «MOINHOLA»

Junto a esses portaes, velhas sentadas em escabelos ou banquinhos de cortiça, to-mam o sol ou vão fiando nas suas rocas, tais feitiçairas das lendas ou fadas benéficas dos contos de nossos avós...

Admira-se quem passa e não conhece a proveniência, de um ruído continuo e monotonico que sai do interior de algumas casas, especie de *ron-ron* de gato ou zumbido de vésperas.

Esse ruído é o das *moinhólas* ou *zangarrilhas*, como lhe chamam, aludindo talvez ao zangarrear da viola, na região fronteira da Estremadura espanhola, e de onde foi importado o vocabulo para o visinho Castelo de Vide.

Nas «moinhólas» móe-se o milho, que saí dividido n'uma especie de rolão grosso chamado carólo (1) e na farinha que, preparada, serve para as tradicionaes papas.

Compõe-se a «moinhóla» de um tableiro, quasi sempre encostado a um canto da casa

terrea, espécado com duas ou tres estacas, ou assente sobre lages. As mós são relativamente, pouco pesadas, e movem-se por meio de um eixo de ferro a que chamam «manivela», que, articulado a um pau, a «vara», vem encabeçar no «braço» o qual é sustentado na sua posição horizontal por um ferro, cadeia ou arame a que se dá o nome de «varão».

No braço actua a força motriz — as mãos da dona da casa, juntamente, quando o trabalho esperta e deve ser rapido, com os biceps do marido. Sentam-se n'um banco largo e baixo, apoiam os pés n'uma trave cravada no chão, ou n'umas escavações feitas no solo, e não cessam de remar, imprimindo ás mós um movimento mais ou menos acelerado que produz o tal ruído tão especial.

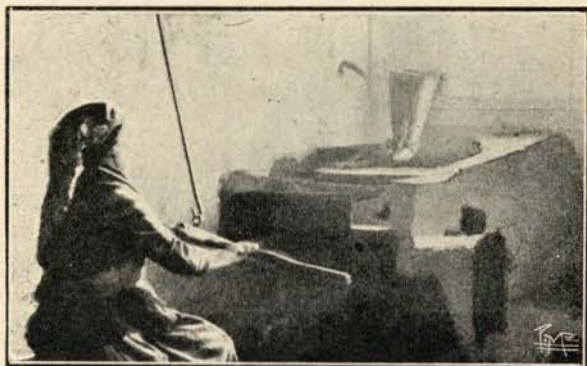


FIG. 11 — TRABALHANDO NA «MOINHOLA»

(1) Este mesmo nome lhe dão na Beira Alta, onde a sua preparação se faz ainda mais primitivamente por esmagamento entre duas pedras (Vergilio Correia — *Lisboa Preistorica* — 1.º, p. 7).



## PORTAES E «MOINHOLAS» DE CASTELO DE VIDE

O milho está na caixa, suspensa do tecto por cordas ou arâmes, e, mediante o mesmo processo dos moinhos mais rudimentares, vai cahindo aos poucos na mó.

Os accessorios da «moinhóla», são poucos; uma pequena pá, a vassourinha e uma medida, a maquia, que as mais das vezes é *bordada* pelos processos peculiares de todo o Alemtejo.

As «moinhólas», como os teares manuaes, outr'ora tão abundantes em Castelo de Vide, vão desaparecendo. Ainda ali existem cinco: a de Mateus Roxo, á rua da Costa; as de Isabel Esporeita e Rosa Cachapuz, na travessa dos Moraes; uma na rua da Fonte; e outra na corredoura de S. Roque. Em todas estas se continua a trabalhar

Em Niza vi sómente tres e em Alpalhão uma: chamam-lhe *minhólas*.

E' curioso que, descendo o Alemtejo, vai-se perdendo uso da moinhóla. Já não a encontro abaixo de Portalegre, embora ali se lembrassem delas. Em Arronches, Elvas e arredores eram desconhecidas. Mais para o sul, e mesmo no Algarve, empregam-se na sua forma mais simples — a primitiva mó de mão — tal como a dos tempos prehistoricos.

LUIS KEIL.

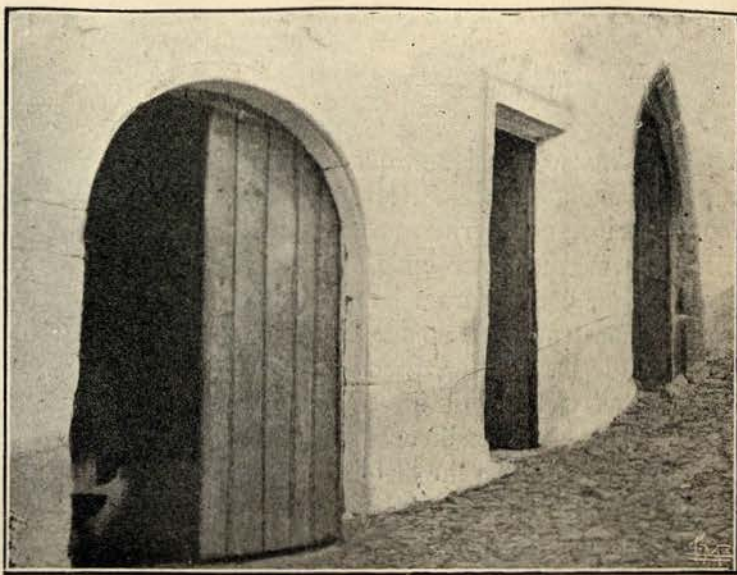


FIG. 12 — PORTAS DA RUA DA FONTE



## DOCUMENTOS REFERENTES A OLEIROS EBORENSES

Na igreja de S. Francisco, da Cidade de Evora, guardam-se alguns rôlos de manuscritos que pertenceram á extinta Colegiada de S. Pedro, e que eu tive ocasião de desdobrar na ultima visita que fiz á historica capital do Alentejo. Entre esses documentos deparei com dois que se referem a oleiros e cujos titulos, em letra mais recente, são os seguintes:

1.º «Venda que em 10 de Nov.º da era de 1449 fizerão Annes, criado do Condestavel, e sua m.ºr Mor Glz a Musente de Bodebi, oleiro mouro forro de hun farrajal no t.º de Evora alem do Torrejela e p.ºe com vinha de Ruy Gomes o com farrajal de S. Pedro e com farrajal de Gomes Ayra, oleiro, e lho venderão por 500 Reaes de 3 libras e meia».

2.º «Consentimento q̄ em 6 de junho do anno de Cristo de 1463 derão Affonso Pires e mais roçoeiros da Colleg.ª de S. Pedro p.ª q̄ Alvaro Fernandes, oleiro, m.ºr nesta cidade, como p.ºr de seus pays Fernão Esteves oleiro e Leonor Esteves, m.ªs na Vila de Portel possa vender huma caza q̄ elles possuem na mesma cidade, foreira a Colleg.ª»

V. C.



# O TEMPLO DAS SIGLAS

(Continuado do vol. II. pag. 223)

## II

### HISTÓRIA E ESTILO

D. Afonso Henriques, querendo memorar a tomada de Lisboa, levantou a Deus um mosteiro, consagrado ao mártir S. Vicente, no mesmo lugar onde as suas hostes acamparam, e nele foram habitar os Cónegos Premonstratenses, no ano de 1148, com o seu abade D. Gualter, premiando assim o monarca as virtudes da ordem fundada por S. Norberto, e atendendo com agrado ao pedido que para tal fim lhe dirigira Guilherme de Longa Espada, capitão ilustre da expedição dos cruzados cooperadores na conquista aos infieis.

D. Gualter pretendeu colocar o seu mosteiro sob a dependência do Premonstrato, de França, mas opondo-se a isso D. Afonso Henriques, o venerando abade regressou de novo à séde da sua ordem,



FIG. 4 — A ABSIDE

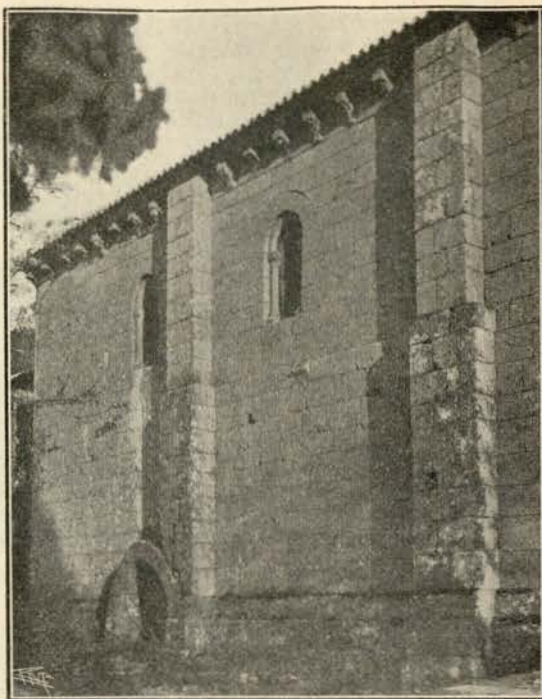


FIG. 3 — ALA NORTE (UM ASPECTO)

indo então para S. Vicente, em seu lugar, e por mandado do rei, os cónegos regrantes de Santo Agostinho.

Escreve Nicolau de Santa Maria, segundo umas antigas memórias, que dois dos quatro companheiros do abade D. Gualtier «se deixarão ficar em Portugal e edificarão um Mosteiro da sua ordem na Igreja da Ermida, junto a Roriz no Bispado de Lamego, em que residirão alguns annos em grande observância regular.»

O que a este respeito conta D. Rodrigo da Cunha na *História dos Bispos de Lisboa*, não se afasta também muito da narração que fez o cronista da Ordem de Santo Agostinho, acima referido.

Encontrei muitas pessoas de Castro Daire que me afirmavam a tradição de se atribuir aos Templários a igreja



## O TEMPLO DAS SIGLAS

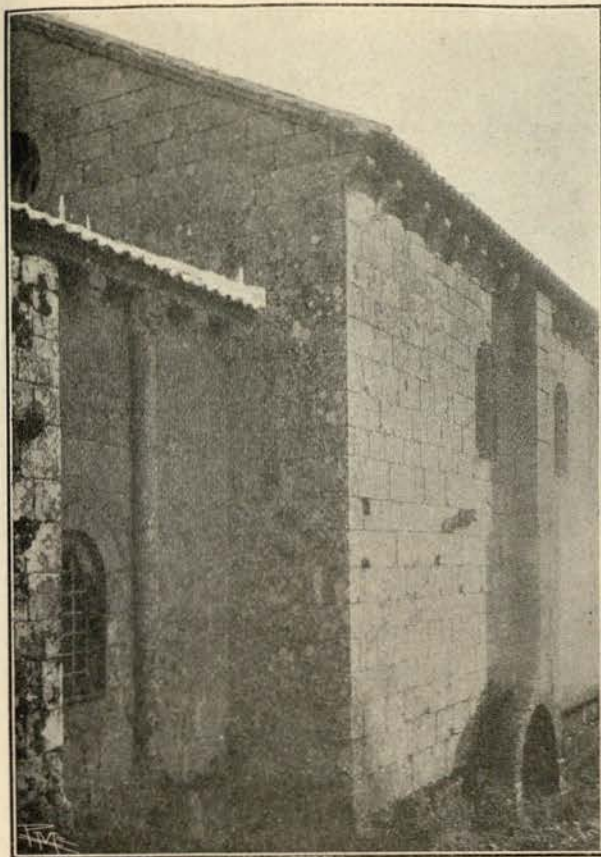


FIG. 5 — ALA NORTE (OUTRO ASPECTO)

protegido por um arco ogivado e que, a acreditar numa das tradições, teria pertencido ao segundo dos fundadores do mosteiro. As paredes são amparadas por vigorosos contrafortes que sobem até à cornija estribada em finos modilhões onde se mostram besantes, ornatos geométricos, carrancas, flores e frutos. Três elegantes janelas ornadas com rôlos assentes em esbeltos colunelos rasgam-se na silharia. A parede do côro, na mesma ala, tem, além do contraforte e da janela, uma coluna sobrepujada por um elegante e bem esculpido capitel historiado.

Na fachada dispõem-se dois altos contrafortes simetricamente colocados

e mosteiro da Ermida do Paiva, mas o facto de se encontrar lá uma inscrição em que figura o nome Roberto, apontado nos *Anais da Ordem Premonstratense* como seu verdadeiro fundador, tirou-me todas as duvidas. Na obra onde se lê esta informação histórica, menciona-se a data de 1173 como sendo aquela em que se construiu a dita igreja.

Do velho mosteiro restam hoje, apenas, a igreja e uma parte da arcaria do claustro. Construído em fins do século XII, o *Templo das Siglas* pertence ao estilo românico de transição, caracterizado principalmente na sua capela mór coberta de abobada em arco quebrado e rematada por uma abside poligonal.

Pelo exterior se vê logo o traçado da planta: uma só nave, sem cruzeiro, e o polígono absidal. Apesar dos muitos estragos praticados, principalmente com a adjução de um palheiro na ala Sul, o aspecto geral do monumento é dos mais puros, conservando-se o aparelho perfeito, as suas pedras regularmente dispostas na sua horizontalidade.

Na ala Norte encosta-se um túmulo

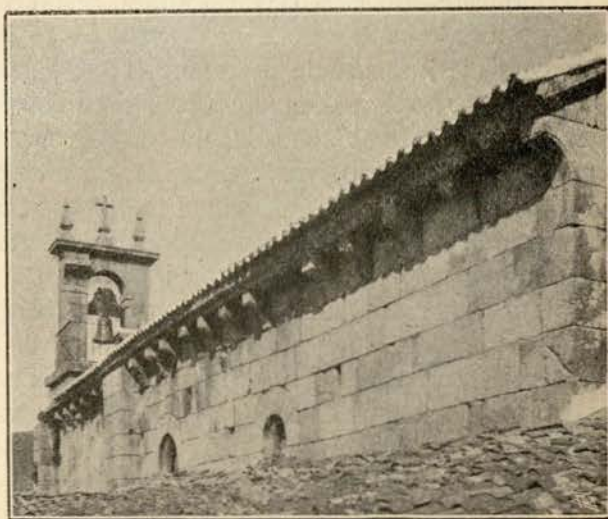


FIG. 6 — ALA SUL, COM A CACHORRADA



## O TEMPLO DAS SIGLAS

de um lado e dentro da porta principal cujas arquivoltas ogivadas, reintrantes, são limitadas por uma faixa axadrezada. No tímpano vê-se a cruz processional de oito pontas. Ao centro da parede abre-se um óculo simples e na empena hastea-se uma cruz florida.

Na ala Sul, donde se destacam dois contrafortes e

duas janelas, abre-se uma porta de tímpano liso e arcos quebrados com o rôlo repousado em duas colunas. Perto da intersecção das paredes da nave com a capela mór, a 1<sup>m</sup>,80 do solo, encontra-se uma inscrição em latim, que nos diz:

«Era de 1198 quando morreu o Padre Roberto no mês de Outubro.»

E ao lado, no lajedo, estende-se a campa onde repousou, durante séculos, o fundador.

A abside deverá ser considerada a parte mais notável do templo: no seu exterior, e em três dos seus vértices encontram-se colunas encimadas por capiteis historiados, oferecendo o maior interesse o correspondente ao eixo absidal onde o artista esculpiu dois menestres tocando viola de arco. E' muito lamentável que esta parte do edificio esteja enterrada exteriormente, até mais de meia altura, sendo conveniente, para a sua conservação e para o seu estudo, que se mande proceder a obras imediatas.

A nave é iluminada pelas janelas referidas e por dois óculos, sob as empênas. A capela mór interessa, acima de tudo: o seu arco triunfal (alt. 7<sup>m</sup>,20) assenta em duas poderosas colunas adossadas. A abóbada, de berço quebrado, descarrega o seu peso sobre as paredes, onde se abrem arcos ogivais que dão leveza e elegância ao pequeno recinto. Nos capiteis ostentam-se motivos esmeradamente trabalhados, de decoração vegetal filiada no coríntio, de decoração zoomórfica com caricatura, e de decoração humana. O côro e a abside recebem luz de duas janelas e de duas troneiras.

Disse que a abside era poligonal; há, porém, uma observação importante a fazer: o seu eixo coincide não com a face mas com o vértice do polígono, parecendo-me ser isto um facto raríssimo, senão quasi inédito em plantas românicas, onde encontramos, vulgarmente, o tipo da nossa já demolida igreja de S. Cristovão de Coimbra. E' um tema para pensar e discutir, sobretudo quando se fizer a devida reintegração, tirando o altar mór de madeira e desobstruindo as paredes ameaçadas.

Aqui ficam estas notas muito resumidas, extraídas da monografia que brevemente vou publicar sobre a Igreja da Ermida do Paiva.

AARÃO DE LACERDA.

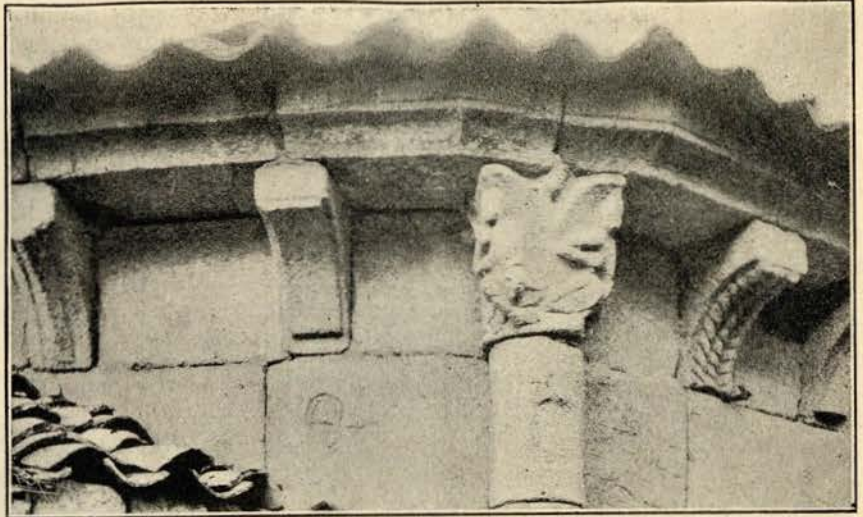


FIG. 7 — UM TRECHO DA ABSIDE



## TECIDOS MEDIEVAIS PORTUGUESES?



o estudarmos os mais antigos tecidos do Museu Machado de Castro, de Coimbra, recolhidos de tumulos de Santa Clara-a-Velha, e os que foram encontrados, ha um anno, numa sepultura da Sé de Lisboa, achamo-nos em face de télas que nos permitem ajuizar, com relativa segurança, da technica e da decoração dos textis importados, ou fabricados, em Portugal, para a indumentaria do sec. xiv.

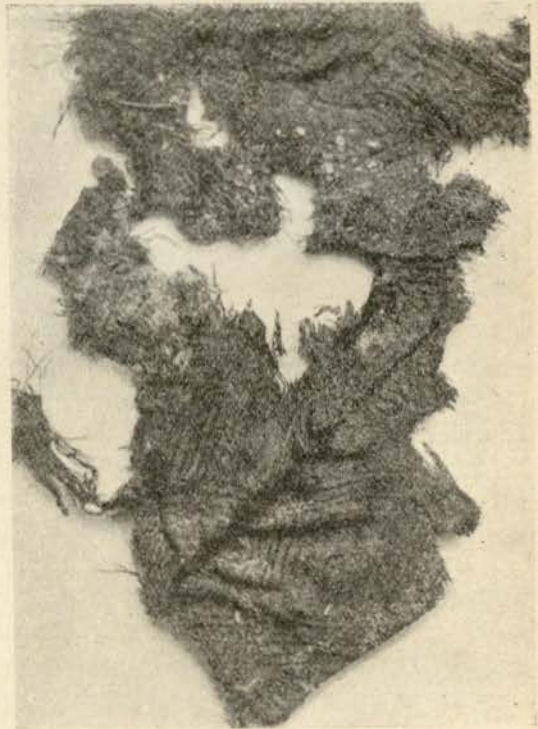
Tratando, por agora, simplesmente, dos specimens decorados, alliando um duplo interesse, technico e artistico, só a elles me referirei, reservando para mais tarde o estudo dos restantes.

Assim, temos a considerar oito exemplares perfeitamente distinctos e que podemos dividir em duas categorias: os de ornamentação losangular e os de ornamentação listada. Pertencem seis á primeira categoria e dois á segunda, e proveem todos de tres tumulos: o da Infanta D. Isabel, neta da Rainha Santa; o do bispo de Coimbra D. Estevam, fallecido em 1318, e o de outro prelado, cujo nome ignoro, sepultado em Lisboa.

Se exceptuarmos o fragmento da mortalha da Infanta, incontestavelmente de origem hispano-mourisca, e os de uma téla de seda e oiro, apparecida na sepultura d'este ultimo, provavelmente tambem hispanhola, isto é, os dois listados, todos os outros tecidos apresentam, a meu vêr, na sua simplicissima decoração, um bem marcado caracter portuguez, o que é confirmado pelos specimens da mesma epoca que se guardam nos museus estrangeiros, com os quaes nenhuma analogia teem.

Não sendo de fabrico nacional, esses tecidos seriam, provavelmente, hispanhoes, ou italianos, o que não é muito admissivel. A esse tempo, a Hispanha tecia, em Granada, Almeria e Valencia, as télas, tão ricas, recamadas de motivos e bordadas de inscrições, da industria mourisca, e a Italia maravilhava o mundo com o esplendor dos seus primeiros brocados e veludos, de inspiração persa.

Portugal, que, desde o meado do seculo xiii, pelo menos, lavrava a seda, não conhecia ainda, decerto, os mil segredos daquella arte, e manufacturava, com o precioso textil, os mesmos padrões geometricos que habitualmente reproduzia em lã e em linho.



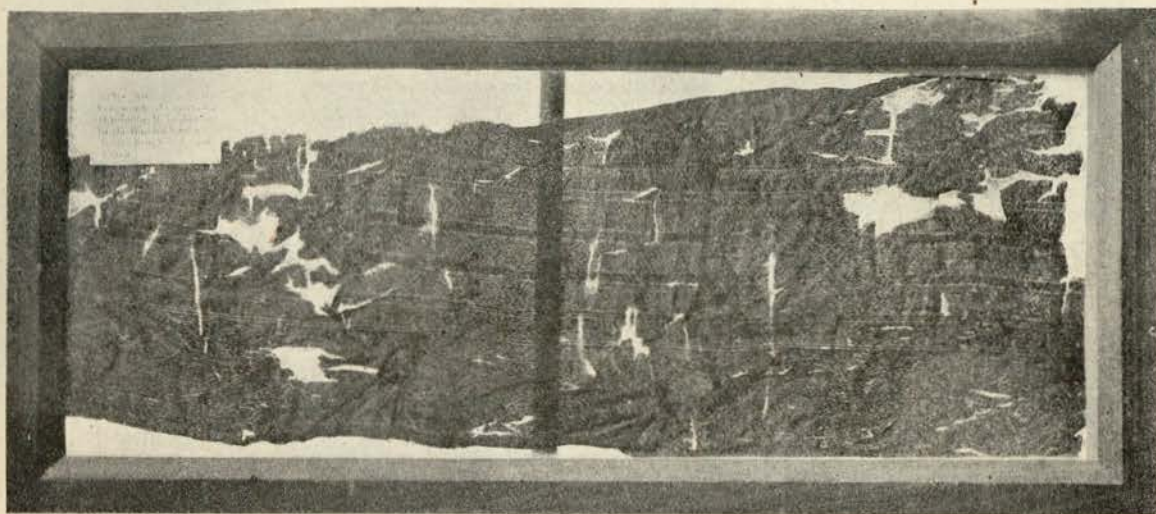
TECIDO PORTUGUÊS (?), DECORAÇÃO LOSANGULAR  
SEculo XIV



## TECIDOS MEDIEVAES PORTUGUESES?

Tanto nos fragmentos de Coimbra, como nos de Lisboa, eu fui encontrar, com natural alegria, os motivos que tantas vezes notei, país fóra, nos productos da nossa tecelagem manual — nos linhos minhotos e nos bureis da Beira-Baixa, nas barras das mantas alentejanas e nas faixas de seda de Traz-os-Montes.

Essa decoração arcaica, mantida inalteravel em seis seculos de gerações, não será argumento convincente?



TECIDO HISPANO-MOURISCO. SECULO XIV

Sabemos já que os tecidos de què vimos tratando — os que supponho portuguezes — provêm dos tumulos de dois bispos; mas é importante accentuar que os prelados, cujas almas Deus tenha em descanso, não foram sepultados com paramentos religiosos.

Com os fragmentos da Sé de Lisboa, encontraram-se, quasi intactas, duas luvas de grossa malha de seda còr de purpura, mas nada accusou a existencia de mitra e, pelo contrario, distinguiram-se perfeitamente, entre elles, os restos de uma veste cingida, na cintura, por uma faixa estreita.

No tumulo de Coimbra, tambem não appareceram tecidos que se possam attribuir a paramentos, os quaes, nessa epoca distante, como em todas as outras, se talhavam, em geral, de télas ricas, que certamente importavamos do estrangeiro.

Nas mortalhas dèsses dois principes da Igreja, julgo que só um tecido não era nacional: aquelle a que me referi, listado de oiro sobre fundo azul claro, pois não creio que, no seculo XIV, se conhecesse, em Portugal, a tecelagem com fios metalicos.

E' igualmente digno de ponderação o facto de tantos specimens obedecerem, com pequenas variantes, á mesma decoração losangular, de technica quasi rudimentar, o que prova o insignificante progresso da industria, — então, entre nós, vacillante ainda nos seus primeiros passos.

Serão infundadas as minhas affirmações?

Que me sejam relevadas, pela sã convicção com que as emitto.

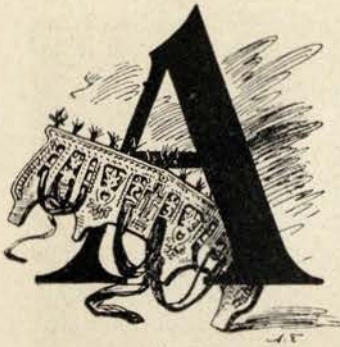
(Do livro em preparação: *Um Nucleo de Tecidos-II.*)

D. SEBASTIÃO PESSANHA.



## A FEIRA DE GUIMARÃES

(MINHO)



os sabados, ás seis horas da manhã — no inverno quasi com de noite — já todas as estradas que se dirigem a Guimarães vêm cheias de gente campestre vestida de fresco para o mercado, de povo que vigia os seus gados, conduz os carros de bois com cereais, chouta á vergasta de oliveira os porquinhos negro do eido e carrega, ofegante, os grandes cestos de varas com as hortaliças orvalhadas da horta vergiliana.

Feirantes graudos, com a larga faixa vermelha ajustando-lhes o pandeiro da barriga sob o *double* pesado de medalhas, desenfream garbosamente a égua pela folgança do caminho fóra. De quando em quando são umas tourinhas que desalvoram, galopando deanteiras do dõno e a carriçarem os couros, com mêdo, pela aspereza dos silvados, em rebeldia á sóga. Passam as deligencias, aparelhadas a dois cavallos sotas e encasteladas de gente, sob o bramir soffrego da corneta, até ao taboleiro do tejadilho. As regateiras dos tirantes para coletes de linho e dos fosforos de enxofre, entrouxando o avental das miudezas sobre a barriga, parecem gravidas, e ei-las que palmilham a terra, descalças, com a anciedade incessante e nervosa do negocio. Depois é um clérigo, com o creado ao lado carregando a saca de rendas dos paramentos, que cascalha pacificamente os dentes ao asno lanzudo e tolhido do entendimento com as indigestões. Atravez as sebes dos vinhedos, de grande opa verde enfolando á aragem, começa então a descobrir-se, embora ainda um pouco distante, o arraial irregular da cidade queimada dos invernos e acorada entre montados. A gente de pé, alegrando, esperta o passo, na ambição de se voltar cedo e com proventos ao descanso da sua aldeia; mas aqueles que raboneiam as éguas e têm de seu cadastro, pelo menos, trez animais estoirados do peito nas correrias de feira de ano, mal que lobrigam ao primeiro pano de casario um ramalho sujo de taberna, soffregos, erguem-se todos sobre o xairel de baeta e, despedindo trez séries de esporadas no ventre á besteaga, fazem-se no ar, com o chapéu ferrado contra a nuca, audazes e tão rapidos como uma fléxa!

E' que o negocio dos gados realisa-se, muitas vezes, á porta da taberna, experimentando o toque da prata na soleira de pedra. . .

Desembocada em Guimarães, divide-se a massa aldeã, na observação rigorosa dos costumes, tão regularmente como se fosse sob a imposição de algum agente militar. Os gados vão-se direitos lá cima, ao largo desafojado de em frênte ao Castelo; frutas e hortaliças, chapéus de palha e coroças, rocas e fusos, aves e melancias, tudo arregimenta sob as amoreiras do mercado municipal; os cereais e as louças vermelhas acampam além do jardim, no antigo terreiro dos franciscanos; a alfaia agricola, tamoeiros, jugos, arados de madeira



## A FEIRA DE GUIMARÃES

para quatro juntas, varapaus e ferragens, fazem arraial no largo afoito da Misericórdia; os cestos, maceiras, mezas, camas e bancos de pinho, no recinto chamado das Laginhas; e até os rudes mólhos de carqueja e a lenha escavacada do monte têm o seu poiso tradicional, a primeira arredondando no chão, bem ajustada nas vergas e em feitio de pão molete, e os canhotos e achas esperando nos carros com caniçada, junto de que os bois mugem o seu tédio pela cidade e passeiam a língua nos beiços pela grande saudade das suas fomes...



Em sendo oito horas a feira acampou, e instalada, embandeira com certo rumor alegre.

Ha sinos tocando por musica em varias egrejas. Os carros de carreira vem atravessando a cidade, chegados de Braga, das Taipas, de Famalicão, de Pova de Lanhoso, de Cabeceiras e Fafe. De todos os lados o cascalhar dos tamancos é continuo e restruje. Atravessam os camponios, de pau deanteiro, fechando um olho ao cigarro e discutindo alto. Carros de bois tramalham nas calcetarias, com os seus jugos trabalhados como favos de colmeia e corregidos de silvas, cruces, custodias e albarradas floridas. Nos estabelecimentos considerados suspendem-se cá fóra as sombrinhas de percal na taboleta, os lenços de flócos doirados formam bambolinas á capela entre os harmoniuns e os piucos de lâ para botas de monte, e ao comprido das portadas este desenrola

as peças de chita e de baeta, aquele os picotilhos sardados e os panos de lustro, o outro os merinos e as rendas, os cachenés e os riscados, produzindo a exposição, no aspecto geral dos largos e das ruas bem cortadas, o efeito d'uma ornamentação solemne em dia de festa anual ao orago da commercialidade.

Temos agora os botequins.

O camponez substitue na feira o caldo verde do seu *jantar* das oito da manhã por um copo de vidro cheio de café com leite, acompanhado da respectiva páda.

Custo vulgar — meio tostão.

O interior do estabelecimento está de harmonia com o gosto dos freguezes. Ao fundo, uma porta em arco, encimada por um relógio de pendulo. De um dos lados da portada (se não de ambos os lados) uma vidraça alinhando os cigarros, os fosforos, o rapé e um copo de vidro que contem o bicarbonato de soda, em pequenos papeis, para os refrescos. Sobre o balcão, ao redor da taça de faiança antiga para escorrer as bebidas, formam circulo as garrafas da aguardente de bagaço, da hortelã pimenta e da genebra. Nas paredes, amarelecendo com o fumo que entra da cosinha e para distração da assistencia, suspendem-se em geral os retratos de D. Pedro IV e do ultimo chefe de estado — indicações infalveis: a primeira, da data da fundação do estabelecimento, e a segunda da opinião politica do dono da casa, pessoa de ordem que, usufruindo da tranquila leitura do periodico um largo conhecimento



## A FEIRA DE GUIMARÃES

nacional a discutir de noite, na cama, com a patrão, compreende e determina, portanto, que ao comercio lhe cumpre a obrigação de acima de tudo ser respeitadôr da opinião indigena geral e acatador do existente, para o que dêr e viér . . .

E' no botequim, contra as mezas de velho marmore, que se encontram os mais variados tipos da feira. Ali instála-se o lavrador pacato e economico, acompanhado da mulher anafada e com o seio e as orelhas decoradas de oiro, que absorvem e comentam a gulodice do almoço n'uma perfeita harmonia de estado espirital. Do lado ou em frente fica-lhes o negociante de gado, de palavra e gestos mais que todos honrados, que esbraceja e masca o charuto, atira um murro á meza e emborca o calix da aguardente, manifestando todas as rudes franquezas da sua indole na proporção do egoismo do seu interesse. Está o andadôr da aldeia, de opa branca e cabeça azul, escorridinhos, com quasi um seculo de tristeza nas farripas de prata que se lhe ougam em roda do solideu da *mitra* de retroz preto e relicario passado á ilharga a sumir pacificamente na boca infantil a quentura do leite traçado de salsa. Está o vendedôr dos folhetos de cordel, com as fitas das sacas encruzadas no peito, á laia de alforge, comendo taciturnamente, com tédio, e ofertando a cada um novo freguez que entra as capas de côr dos livros de S. Cipriano e do Significado dos Sonhos, da Vida de João Brandão e do Naufragio do Galeão S. Lourenço, os reportorios de todo o ano e os relgios de sol de todos os dias.

Toda esta gente, a par do abade pobre e caridoso, do tocadôr da rabeca e a mulher do chales, da regateira das miudezas, da vendeira ambulante dos alhos, do corcunda que lê a signa e a bragueza entroncada que negoceia os chapéus de palha, açapa no môcho de pinho do botequim, de cotovelos na meza, e, em seguida que mergulha e levanta a páda do copo, toda fumegante de calôr, volta rapida e anciosamente a boca para cima, no cuidado de lhe apanhar a tempo a sopa que entra de deslaçar e está na imminencia de desprender-se, esborrachando sobre a meza, em desperdicio do almoço.

A Praça Nova, onde se feiram as mais variadas especies, é um arraial rumorejando á sombra larga das arvores, sobre quatro grandes quarteirões empedrados, e com suas casas laterais, de um só andar, pictorescamente aguafurtadas, para negocios e depositos que se desdobram a todas as feiras do ano.

Descendo a escadaria central — com uma fonte de agua virgem cantando aos feirantes — sentimos desde logo a necessidade de conter o entusiasmo pela nossa carteira de apontamentos, convindo que uma tal multidão de assuntos rusticos só dividida, em cruz, por quatro zonas, poderá ser razoavelmente inventariada.

Temos, pois, que na primeira e mais proxima das duas zonas da direita se vendem os tamancos grossos, de trabalho, e os de mulher e homem, bordados a retroz, para os domingos e dias de romagem, no inverno; coroças de palha centeia; cabos de cebolas, entrancados na propria rama; peneiras para a cosinha e a eira, de seda e arame; espadélas e espadadoiros, para o trabalho de separar do linho, no alpendre, as arestas, os tomentos e a estopa; gamelas, pentes de tear, chapéus de palha, cestas vindimeiras, condêças, açafates, cestos de costura, berços de pinho, engaços para os matos, sacas de chita para recados, violas de arame, rocas, fusos e correias para a fiação, estes rompendo dos cortiços, aos molhos, como foguetes.



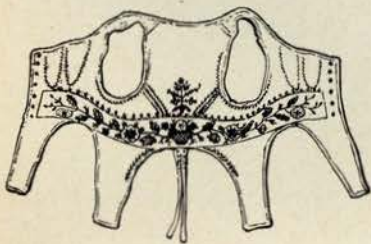
## A FEIRA DE GUIMARÃES

Em meio, passando de um quarteirão para o outro, ha sempre, ou um habilidoso que tira a sorte de *cada cavalheiro ou mandama* pelo bico de um passarinho, ou o seu camarada da *caixa de vistas*, que anuncia agitando nervosamente a campainha.

E adiante, quer nas lojitas alpendradas, quer sob as arvores, ao agasalho do sol, temos o peixe, vindo em canastras da Povia de Varzim e de Espinho, pescada, congro, faneca, rodovalho, tainha, ruivos, e as sardinhas, em multidão, que o camponio enfia aos quarteirões, pelos olhos, n'uma vergasta, para presigo de domingo. Feiram-se em roda os pombos, os coelhos, as perdizes, olinho e a estopa tecidos e em rama, cobertores de lã, mantas de farrapos, rendas de agulha, lenços bordados, melancias, laranja em pilhas, linhas brancas para bilros, e os carros pesados, com repollo.

A toda a linha do fundo descansam os gericos das regateiras vindas ao mercado, de albarda a rastos, comendo a herva e distribuindo, pelas ferroadas da mosca, o coice meio dançado. . .

Inventariando de além, do fundo, a zona esquerda do mercado, referiremos de novo os chapéus de palha, empilhando nos sacos de sarapilheira; as batatas, sustentando ao alto do



monte a raza profunda e o razeiro polido; os frangos, as galinhas, os galos, os ovos em cestos atoalhados de fresco, e nas tendas que debruam o quarteirão, os lenços, as chitas, os espelhos, os frascos de cheiro, os botões, as tesouras, os carrinhos, as rendas, os lenços com versos bordados, as algibeiras, os garfos, os ganchos de cabelo, o papel para cartas de namoro, as bonecas de pasta e os guizos para as creanças. Ficam ao lado, nos alpendres, os talhos e as salchicharias; e entre este e o outro quarteirão, em caminho

para um novo portal de ferro, poisam em volta do tanque central do mercado os vasos com plantas e as flôres naturais, em açafates; seguem-se-lhes os vendedores pictorescos dos ramos de igreja com espiguilha de oiro e folhagens reluzentes de palhão; e á saída, nos largos taboleiros arrendados e sob o toldo de linho de quatro aguas, á mourisca, estancam as doceiras, negociando os *sequilhos*, as *cavacas* e o *pão leve*, para presentes.

O ultimo quarteirão do mercado de Guimarães, na ordem por que os temos vindo descrevendo, é o das hortaliças e das fructas de toda a especie, das «bolachas» enfarinhadas de pão e dos alguidares com ramos de flores para botoeira, dos garfos de arvore para plantio na lua e dos pucaros da louça negra de Barcelos.

O largo do Toural é o lugar de distinção em Guimarães, e nos dias de feira, com os seus estabelecimentos agitados por uma freguezia miuda e cantadôra, tem um aspecto de festa, formigado de povo, cheio de côr, largamente marcado de character minhoto.

Os primeiros forasteiros d'este largo são os parocos d'aldeia, barbeados e bem almoçados, que trazem atraz de si, de pau de freixo resolutamente lançado em frente, uma coorte de paroquianos a recomendar pelas repartições publicas, pelos armadôres de igreja, pelos cereiros, no quartel, no correio e aos chefes politicos.

O paroco é o advogado d'aldeia, e assim, aos que vendem ou compram terras ele



## A FEIRA DE GUIMARÃES

consulta as cizas na recebedoria; aos que pagam contribuições, revista os cadernos ou apresenta as petições para desdobramento; aos que trazem demanda por aguas ou processo por obra de caridade de varapau, informa-se dos elementos das partes, ouve o advogado, molha os dedos ao official de deligencias e empenha-se com o juiz. No cereiro, escolhe, de acordo com os mezarios, as vélas de que se faz preciso para uma festividade com Senhor-Exposto e *Te-Deum* a grande instrumental. Faz a exposição dos seus projectos, de harmonia com o orçamento da irmandade, ao armadôr de igreja, requerendo um arco-cruzeiro com anjos em tamanho natural, com bolas verdes de vidro e um andôr em nuvens de algodão em rama para o martir S. Sebastião. No quartel, vae com o freguez que é pae e requer o filho de licença, por uns dias, para uma ajuda nas colheitas. E quando o proprio prestigio não chega para obter o que se torna necessario aos seus paroquianos na recebedoria, na fazenda, nos cartorios, na camara, no quartel e no tribunal, o paroco faz tento aos homens sorrindo, para lhes tranquilisar o espirito, e recorre então ao chefe politico a quem entregára os seus votos no ultimo acto eleitoral, procurando-o em casa e abraçando-o efusivamente logo que entra e quando sai, aliaz muito incerto nos costumes da sociedade. . .

Destas caminhadas do paroco em dia de feira resultam, em geral, uma série de operações cambiaes em frangos, que são a corôa de açucenas do martirio da consideração publica na provincia. O freguez envia uma duzia de trangos ao abade; dèsses, o abade transfere meia duzia para casa do politico; e este, por sua vez, convida o juiz, em dia apropriado, para ambos os comerem com arroz.

A feira da louça, no terreiro dos franciscanos, não sendo da importancia das feiras de Barcelos e Prado, é, todavia, uma das mais completas da provincia do Minho, não só pelo numero de exemplares, como ainda pela diversidade dos modelos.

Toda a louça minhota, de barro vermelho e negro, com tipo e desenhos regionaes — sobre tudo os modelos — aparece aqui em grande quantidade, e é com ela que a mulher camponia, inveterada de usos e pouco susceptivel de maior discernimento ou capacidade economica, supre todas as necessidades do arranjo urbano da cosinha, ficando obrigada a substitui-la tantas vezes quantos os desastres a que está sujeito, segundo a natureza da sua fragilidade, este mobiliario essencialmente quebradiço, embora barato.

Espalham-se no relvêdo, pelo terreiro fóra, todos os modelos de alguidares, inclusivé os de arroz no fórnio, dos cantaros, das panelas e das cabaças, das pingadeiras, das malgas, dos potes, das chocolateiras, dos pucaros, dos purrões, das infusas, dos copos, dos açadôres, dos fogareiros, dos têstos, dos muringues, dos castiçaes, das caçoulas — cujas decorações sugerem iguaes fructos das louças neolithicas, da ceramica gauleza e ainda de varias estações do norte do nosso paiz, e em especial de Briteiros. Em grupo isolado vêm as louças -





## A FEIRA DE GUIMARÃES

infantis, da mesma pasta e desenho dos grandes modelos, tais como os mialheiros, os pali-teiros, a sardanisca, os assobios, os pifanos, os rouxinois, o galo, a cabra, o cágado, a algi-beira, o sapato, a junta de bois, o musico, o astrologo, o tocadôr de guitarra e o monarca a cavallo. Por fim, n'um recanto mais proximo da vendedeira e defezo ás pancadas e á es-perteza dos garotos, agrupam-se os santos patriarcas de junho, Santo Antonio, S. João e S. Pedro; á mistura, algum Menino Jesus; e em volta e em massa, uns tombados, outros de olhos muito pretos fixando a freguezia, os pastores, as lavadeiras, o homem da bilha, o to-cadôr de sanfona, os grupos em dança, o cego mendigo, a mulher dos queijos, o juiz da festividade, o pescadôr, o rei David, a vendedeira da azeitona, a castanheira, o preto ras-pando as cânas, as ovelhas do rebanho, o sacristão, o moleiro, o burro ataleigado — como os modelam e pintam, á sua interessantissima feição, os barristas populares de Vila Nova de Gaya.

No meio da escolha, do experimentar dos toques, do agrupar das peças e do levantar dos açafates, a feira da louça vermelha de Guimarães, toda alastrada no tapete fresco do terreiro enrelvado, é um dos mais alegres e originaes quadros do mercado semanal.

Pela volta das onze — entretanto que o gado regressa em grupos da feira de além o Castelo e o negocio nos estabelecimentos e nas tendas, por toda a cidade, arde e bulha que nem lareira aceza — sai então, com grande ajuntorio publico de camponezes, o pregão camarario.

Um popular, de correias lançadas a tiracolo, suspende contra a barriga uma caixa forte, tocando em ordem de marcha, e ao lado, o zeladôr municipal, caminhando, de farda e vergasta, empunha orgulhosamente o édito, para a leitura.

Nos locaes de maior concorrência, onde, por assim dizer, o negocio formiga e canta a um tempo, com mais vida e alegria, de repente o pregão chega e estaca, apaga-se obedientemente a caixa-forte, e o pregoeiro, tossindo e correndo as guias do bigode, abre a lauda com imponencia, cercado pelos camponios cheios de curiosidade.

«A Camara Municipal do concelho de Guimarães faz saber . . .»

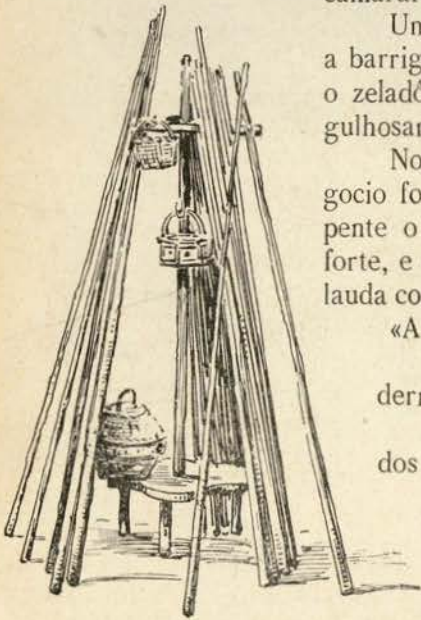
a) é a Camara que avisa os cidadãos para pagamento das derramas;

b) ou que anuncia ás mulheres do povo o praso de entrega dos requerimentos para subsidios de latação;

c) ou que se dirige aos moradores e aos camponezes, para pôrem bandeiras e luminarias os primeiros, e os segundos para mandarem á cidade os carros de bois carregados com hervas cheirosas em vespera e no dia da procissão ao Corpo de Deus;

d) ou que, para o efeito das mesmas luminarias, anuncia um qualquer aniversario oficial ou festa de regosijo por melhoramento concelhio;

e) ou ainda, que faz publico estar aberto o praso para o aferimento de pesos e medidas, no concelho;





## A FEIRA DE GUIMARÃES

f) ou, finalmente, que avisa de que no dia do aniversario da batalha de Aljubarrota se realizará, no padrão a par de Santa Maria de Guimarães, a costumada missa campal e exposição do pelote de El-Rei Dom Joam primeiro.

Lido o édito e cuidadosamente enrolado, o tamboreiro baqueteia de novo, marchando.

No local, a periscarem o cigarro em sociedade, quedam-se e filosofam os camponios, em comentario á resolução municipal.

Depois, o meio dia arraiála pela cidade fóra, badaládo do alto das doze torres que agulham o grande vale do casario espraiado e trigueiro.

Nas praças e nos estabelecimentos, das bocas que emudeceram sobre o afan do negocio, descobrem-se os individuos, param na calcetaria os carros de bois, abandonam-se as peças desdobradas á largura dos balcões, ha gente ao sol de mãos erguidas sobre o chapéu e a agulhada, orando, e parece a instantes, tanto o doce recolhimento dos populares e a súbita tranquilidade comovida das coisas, que um sentimento de graça e enlevo suspende, em estasis, o amoroso coração da minha terra!

Por fim, os sinos calam, e recomeça então o frenesi do mercado.

Para além do jardim publico, na rua do vimaranense S. Damazo, instala-se o negocio dos albardeiros, montado em capela desde as grades da varanda do primeiro andar até á soleira das portadas.

Desde a albarda de linho, com rozêtas de carneira bezerra e borlas ou *topes* de algodão azul e encarnado, até ao selim á *mourisca*, de cabedal afivelado com metais polidos, de tudo aparece nos estabelecimentos do genero. O negocio farto das albardas diz respeito ás alimárias dos moleiros, aos gericos de passeio nas térmias e ás éguas russas para a velhice achacada dos parocos e clérigos sermonistas, que usam choutar de passo pelas estradas e atalhos. Mas os selins e as cabeçadas de couro de lustro, essas, applicadas aos cavalos e garranos de ropia e chibança, negoceiam-se de preferencia aos morgados e feirantes obesos do gado, emfim á gente cegamente applicada na grande arte de cavalgar a toda a sela e que rompe, logo de manhã, pela cidade dentro, vinda das mais distantes propriedades do concelho, com o varapau garbosamente empunhado na attitude das lanças dos antigos infanções, a bota de bezerro com salto á prateleira meia sumida no coifo do estribo de madeira tauxeado á hespanhola, sobre o xairel mosqueado de pele de cabra o busto todo erguido, ao vaidoso camponio de manter e pimponear o solipede, e ao alto, ferrado da nuca e desabando para a frente, n'uma provocadora sombra azulada que romantisa todo o olhar, o chapéu de feltro ou castor, meio senhoril e meio faia, sob que o coração das mulheres se embedilha e humilda como uma ave...



Belinho, agosto de 1918.

ALFREDO GUIMARÃES.



# O CARRO RURAL PORTUGUÊS

(Continuação da pag. 208 do vol. II)

## O CARRO DO DISTRICTO DE COIMBRA

E' no districto de Leiria, e em parte dos de Coimbra e Castelo-Branco, que se realiza o encontro entre o tipo de carro do norte e o do sul.

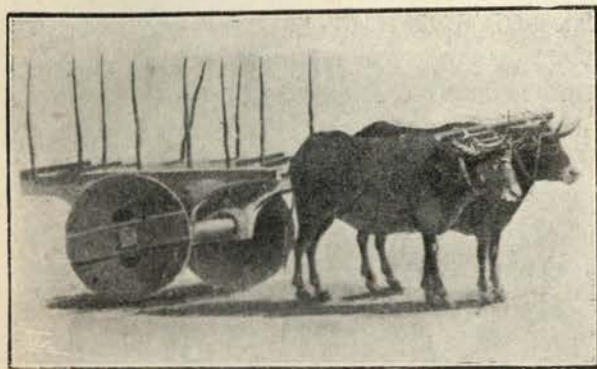


FIG. 25 — CARRO DA EXTREMADURA (AGUARELA DE ZACHARIE F. DOUMET)

Do norte, a forma afilada, em quilha, da frente do leito, desce, pelas serras, até ao Alto-Districto de Coimbra. Pelas colinas verdejantes que acompanham os campos do Mondego, pelo Baixo-Districto e por parte da Beira Litoral, a forma quadrangular do estrado do carro, levemente modificada, avança a caminho do norte.

As rodas são do mesmo tipo em todos os exemplares, quer venham do setentrão, quer subam das pingues terras rebatejanas. A roda de grandes aberturas domina, incontestavelmente, até á

corrente do Tejo, pois que as *travessas* com que ahí as fortalecem, não lhe modificam a estrutura. A nomenclatura varia já um tanto da estremenha.

O carro de Coimbra tem o estrado quadrangular, com a frente levemente aguçada.

Esse aguçamento, porém, não deriva da disposição das partes mestras do leito, como no norte, mas do avanço em angulo de algumas taboas do tapamento superior. E neste avançamento que eu julgo ver uma transição entre os carros do Sul e Estremadura, e o do Norte.

O estrado é formado por fortes *chêdas* ou *chedeiros*, unidos por *cadeias* que atra-

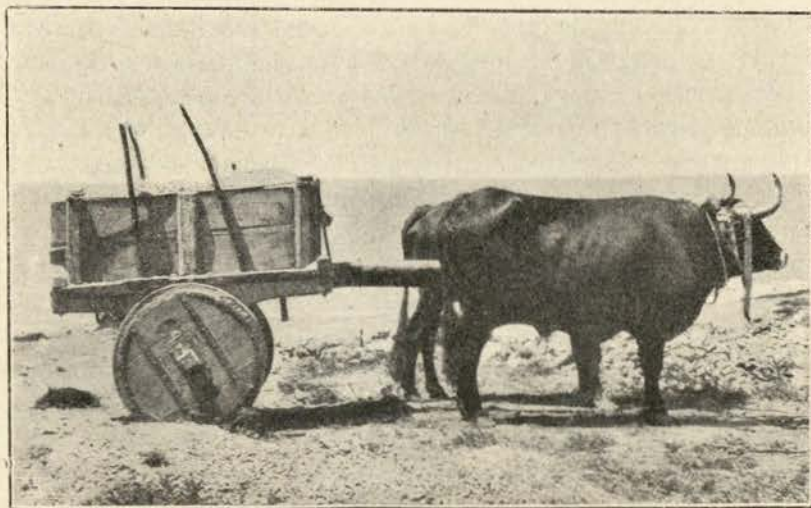


FIG. 26 — CARRO DA EXTREMADURA COM TAIPAS (FOT. LUIS KEIL)



## O CARRO RURAL PORTUGUES

vessam tambem o *cabeçalho* o qual se estende a todo o comprimento do estrado, tal como nos carros da Estremadura.

Nos tabuões postos de cutelo, sobre que assentam as *chêdas*, e que por vezes recebem

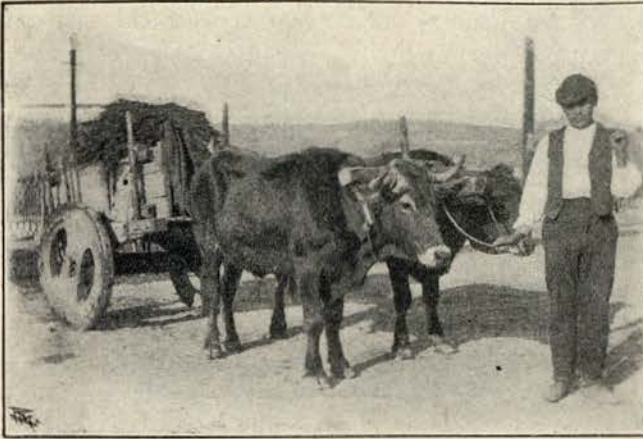


FIG. 27 — CARRO DE COIMBRA COM TAIPAES (FOT. EUGENIO VEIGA)

o nome de *bonecas*, ou chavelhões (Condeixa), cravam-se dois tóros de pau, entre os quaes o eixo se move. O da frente é vertical, e tem o nome de *chapuz*; o de traz é curvo, acompanhando um pouco a volta do eixo e recebe o nome de *coiçãõ*. Nem todos os carros possuem este coiçãõ curvo, limitando-se ao uso de *cocões* ou *coições* verticaes e do mesmo tamanho; nem adotam ainda a chapa de ferro que protege a parte da *boneca* que assenta diretamente sobre o eixo, e que, por ser movel, recebe o nome de *postiço*.

O cabeçalho é atravessado, na ponta livre, por um furo horisontal e por dois verticaes que servem, respetivamente, para o *chavelhão* e para a *chavelha*. O *chavelhão* é maior, e curvo.

A roda consta de *meão* (*meom* na pronuncia local), de *cambas*, fortalecidas, internamente, por *sub-rêlhas*, visiveis em parte nos angulos das aberturas e, exteriormente, por *rêlhas* de ferro fortemente pregadas. O cubo do eixo têm o nome de *olhal* e as quatro cunhas que o entalam na abertura do meão, o de *musgas*. *Gatos* de ferro abraçam e robustecem a parte central da roda. O aro de ferro do rodado recebe o nome de *chapa*, e chama-se *remã* ao arco de ferro que fortalece a parte do eixo entre o moente e o meão.

A canga usada na região, de que o meu presado amigo Eugenio de Frankowski já deu um belo desenho nas suas *cangas e jugos*, é provida de *cangalhos*, prendendo-se no par interior destes a *passadeira*, correia que enfia pelo orificio horisontal do cabeçalho e desempenha um grande papel na certeza e segurança do tiro. As elevações superiores da canga em que o illustre etnografo polaco, com uma observação que posso

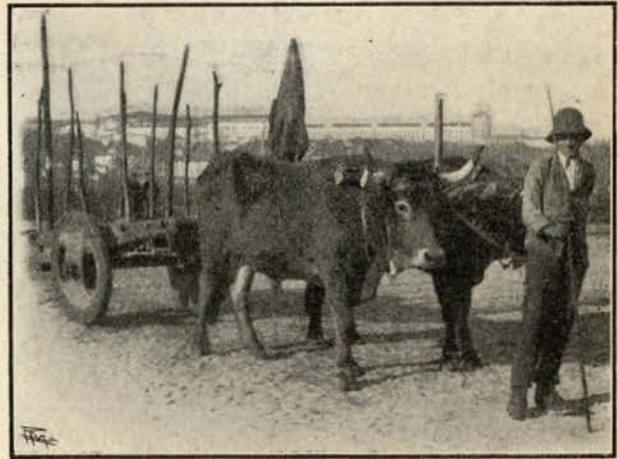


FIG. 28 — CARRO DE COIMBRA COM FUEIROS (FOT. EUGENIO VEIGA)

classificar de excepcionalmente notavel, viu a transição para o jugo de Aveiro, Feira e Porto, recebem, tanto a central como as lateraes, o nome de *tronqueiras*. Em muitos outros pontos, como se sabe, denominam-se *castelos*.



## O CARRO RURAL PORTUGUES

Sobre o *carro agrícola no concelho da Figueira da Foz*, publicou, em 1907, no *Boletim da Soc. Arch. Santos Rocha*, o sr. Manoel José de Sousa, um interessante e muito elucidativo artigo, acompanhado de desenhos.

Segundo o artigo, o carro consta de *toiço* (cabeçalho), *manta* (leito), *chedeiro* (o conjunto das *chêdas*), *cadeias*, *cantadeiros* (as bonecas sob as *chêdas*), *bonecas* (os calços entre aqueles e o eixo), e *coiçoes*. Sobre o *chedeiro* cravam-se os *fueiros*, e estes seguram as *portas* dos *taipaes*.

As rodas compõem-se de *miulo*, *cambas*, *rêlhas* (as internas) e *sobre-rêlhas* (as externas, de ferro), *gatos*, e do *eixo*, que aflora da banda de fóra das rodas num *cubo*, atravessado, para segurança, por um *tabilhão* de madeira.



FIG. 29 — CARROS DA «GANDARA» DA FIGUEIRA DA FÓZ (FOT. MESQUITA FIGUEIREDO)

O aspeto geral é o do carro de Coimbra. Nota-se, comtudo, que alguns nomes do norte, como o de *toiço* e *miulo*, se fixaram nessa região, não aparecendo quasi na de Coimbra.

### O CARRO DA BEIRA ALTA

Por todo o Distrito de Vizeu, exceto na parte que deverá corresponder a Lamego, e

cujas aguas procuram a corrente do Douro, existe um só tipo de carro. Os sistemas de tiro são, porem, dois; nesta vasta zona montanhosa.

No Baixo-Distrito, em toda a região cortada pelo Dão e seus afluentes e orlada pelo curso superior do Mondego, usa-se a *canga*, semelhante á de Coimbra, e que, portanto, podemos considerar como vinda do Sul. No Alto-Distrito emprega-se o *jugo de molhelhas*, que desce até aos concelhos de Vouzela e Oliveira de Frades, margens do Vouga.

Com as *molhelhas* desceu tambem a forma em querena do leito dos carros; e essa ultrapassou a area onde elas são usadas e alcançou o Alto-Distrito de Coimbra, como indiquei no capitulo anterior.

O carro de Vizeu, e, de um modo geral, todos os carros do Norte, diferem fundamentalmente na construção do estrado, dos até aqui estudados. As mezas do leito, até agora ligadas e travadas com o cabeçalho por meio das *cadeias*, passam a unir-se-lhe diretamente, pelas frentes, que arqueiam em ogiva. Este dispositivo, evolução de uma forma mais primitiva que encontraremos no extremo-norte e nordeste do pais, pode considerar-se tambem de remota origem e muito caracteristicamente português.

Por toda a parte sul do Distrito de Vizeu, o carro consta de um *chedeiro* (nome de conjunto), composto de *touço* ou *toiço*, *chêdas* (as mezas), *cadeias*, *sólho* (a *manta* ou leito



## O CARRO RURAL PORTUGUES

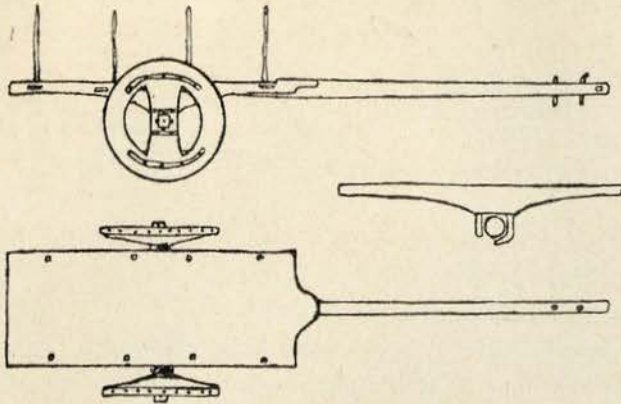


FIG. 30 — CARRO DO DISTRITO DE COIMBRA

*rêlhas* direitas, de ferro. Ao buraco onde encaixa, no miul, a espiga do eixo, chamam, em Senhorim, *tófeira*. Este miul é, como de costume, reforçado com *gatos* de ferro, e algumas rodas possuem *rêlhas* de segurança na face interna, correspondentes as meias luas da parte de fóra.

A secção do eixo que fica entre o ponto em que assentam os cocões do carro, e a face interna da roda, denomina-se, pelo seu engrossamento, o *empoladoiro* (Vizeu, Nelas), ou *miuça* (Vouzela). A parte onde se produz o atrito da tração das rodas e onde se gera o estridulo chlar característico do carro rural português, denomina-se a *cantadeira* do eixo.

O arco da roda é protegido por *chapa* ou *rasto* de ferro, pregado com grossas cavilhas do mesmo metal, os *pregos de rasto*.

No extremo do touço, onde costuma haver dois orificios, afastados uns 0,15, crava-se o *chavelhão*, tosco, em forma de cunha e sem enfeites. Nas *chêdas* os buracos para os fueiros são redondos, e os ocupados pela extremidade superior das *treitoiras*, quadrados. Vê-se, portanto, que os tóros das *treitoiras* atravessam as duas peças das *ilhargas*, dando muito maior coesão ao chedeiro.

E' a Beira-Alta, ao contrario da Beira-Baixa — provincia penetrada de influencias espanholas pela sua visinhança com a fronteira —, uma das regiões onde os carros de bois guardam a flôr da sua pureza etnografica. Uma infinidade de vehiculos toscos e cantadores rola sobre as estradas macdamisadas e reluzentes de granito desfeito, ou pelos caminhos velhos que já serviram aos romanos, continuando a sua função multi-secular. O carro de bois hodierno puxado pelos seus boisinhos sofredores, de olhos aguados, é ainda o mais importante meio de distribuição agricola nessa região serrana e pouco cortada de caminhos de ferro.

(Continúa.)

do carro), *cocões* (as duas taboas postas de cutêlo, sob as *chêdas*), e *treitoiras* (os tóros entre que gira o eixo), ou *treitoeirás* (Vouzela). Para não moer demais a madeira da parte inferior do cocão que assenta sobre o eixo, adotam também *coquilhas* de ferro, equivalentes aos «postiços» de Coimbra.

As rodas constam de *miul* (Nelas e Vizeu), ou *miulm* (Vouzela), e de *cambas*, atravessadas internamente por *rêlhas* de pau, e reforçadas no exterior por *meias-luas* em semicirculo e *sobre-*

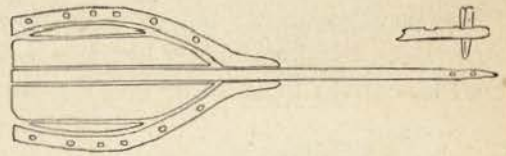


FIG. 31 — O CARRO DO DISTRITO DE VIZEU (CHÊDAS E TOIÇO)

VERGILIO CORREIA.



# Rabanadas da Coesoude



EL, quem compra o mel!

Dezembro asperrimo brilhando nas calçadas do burgo tripeiro, entra de siflar a canção alvissima em que se baralham acordes de *requiem* com frús-frús de peliças caras. E' o Natal que se indicia lareiro, mail-a sua ronda tradicional de gulodice que as vóvos em tal quadra reeditam para opróbio da culinaria francesa, puah! em decomposição adeantada...

— Quem compra o mel fino de favos!

Rabanadas, sonhos, bolos de bobolina, filhoses, mas, sobretudo, as rabanadas, ah! como do brazido da saudade tufam, em loiro cendrado, os arcaicos doces da minha terra bem amada. Debalde o tripeiro que aqui se exilou, sempre rebelde ás usanças desta cosmopolis incaracteristica, procura dar-se a ilusão de que a sua mesa é servida á maneira do Porto, por ocasião da festa do Natal! Ludibrio! Uma vez, é que o mel não é irmão de aquele do Hymeto que escandece os poetas; outra vez, é que o pão se não amolenta com a maciura da regueifa valongueira; outra vez, é que o leite não espadana como dos uberes das vacas barrozas... Ha, em toda a hipotese, que encaixar um *senão* no piteu, saborosissimo apenas quando cozinhado *in loco*, como se disséssemos, lá na cidade onde o Douro é undoso, entre fragas...

— Mel! Quem compra mel!

O pregão evocador, articulado por vendilhões ambulantes, vindos de Ermezinde, de Rio Tinto, de Mafamude, os mais proximos, de Moncorvo, de Cabeceiras, da Guarda, os mais remotos, a creançada exulta vendo aparecer os homens de calça remengada, á cabeça a canastra e na canastra a infusa de bôca atada com farrapos de linho branco, prenhe do liquido oirescente.

— Mel, quem compra o mel fino de favos!

O Natal tripeiro nimbou-se sempre das alegrias comunicativas do Presepio, emanção que do Senhor ao cabo do ano promana, comboiando derredor a toalha alva de Guimarães a familia inteira, a servir-lhe toda uma ementa de bacalhau, cozido, guisado, esfiado, albardado. Couves, que são pencas, murcianas, tronchudas, contornando em seu verde bucolico a travessa do cozido, batatas, as batatas do Douro, que são veludo de seda, fundem-se, inefaveis, no guisado, ovos, os ovos esplendidos das galinhas arrabaldinas, loirejam nos bolinhos fofos. Por casas burguesas, consta de ceias de consoada em que o bacalhau se ostenta com mais de quatorze pratos diversissimos, a fazer perder de vista os tratados franceses das *cent manières* de cozinhar isto e aquilo. Mas...

— Mel, quem compra o mel!

As rabanadas, todavia, são aquele dos pratos que imprimem caracter ao solene ágape



## RABANADAS DA CONSOADA

consoal, o que provoca o desarrolho do vinho fino de velha data, aquilo que consterna a familia junta por essa noite unica de candura. «As rabanadas são a essencia da ceia de Natal», diz pela linda, portuguesissima bôca da *Morgadinha dos Canaviaes*, Julio Dinis, logo acrescentando, em replica para Henrique de Alvapenha: — «Perdoe ás pobres rabanadas o pouco ar de moda que tõem. Um indegesto manjar francês seria de melhor tom, bem sei. Até nisso!»



Rabanadas! E' em vão que o investigador excogita a etimologia do termo com que se rotulam as tiras de pão fritas em azeite depois de por um dia antes demolhadas em leite e, alfim, sepultas em loirejante mel aqueitado, e uma nadinha de canela a pulverizá-las. Donde procederá a palavra? Que idéa conventual ou popular lhe andarâ adstricta? Dir-me-hão que a rabanada surja, mais pr'aqui, mais pr'alem, deturpada sob o nome de *fritas*, de *falias*, quiçá outros mais; comtudo, as rabanadas tripeiras, por ceias de consoada, reivindicam na nobre culinaria nacional um amoroso e indisputavel logar foreiro...

— Mel fino de favos! Quem compra o mel!

E quando, ao soar da meia-noite, os calices se erguem evocando saudes, e se faz mais esplendorosa a luz que crepita nas serpentinas argenteas, e Deus-Menino do berço solta o vagido que ha-de redimir o universo, é que, evocando o flavor do mel das rabanadas, e á porta da rua garotitos descantam, ao som de ferrinhos:

*Boas-festas vimos dar  
Aos senhores de esta casa...*

Lisboa, 1918.

SEVERO PORTELA



## UM PANNO GOTHICO

A photographia reproduzida em folha solta e que nos foi gentilmente cedida pelos srs. Carvalho e Aguiar, antiquarios em Lisboa, representa um curiosissimo panno de armar, gothico, que, ha meses, esta firma vendeu para Hespanha.

Portugal, pelo desprezo que vota aos assumptos de Arte, deixou perder mais esta preciosidade artistica, interessante sob todos os aspectos, que, para vergonha nossa e a despeito da lei prohibitiva, se foi juntar, além fronteiras, a muitas outras de igual valôr, que os nossos Museus não tiveram o cuidado de recolher a tempo.

Este panno, que representa a adoração dos Magos e mede 2<sup>m</sup>,50 × 2<sup>m</sup>,00, dizem-me ter pertencido a uma igreja (!), ou capella (!), da região de entre Coimbra e Vizeu. Será assim?

Deve ser um trabalho flamengo, do fim do seculo xv, mas com manifesta influencia hespanhola.

Aqui deixamos archivada a sua reprodução, para que conste...

S. P.



## CRONICA

### SOCIEDADE PORTUGUEZA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

Acaba de organizar-se no Porto devido muito especialmente aos esforços tenazes do nosso amigo e distinto colaborador Dr. A. A. Mendes Correia, uma nova sociedade scientifica para o estudo da antropologia e etnologia. Dada a categoria das pessoas que, de começo, se agregaram na nova coletividade, temos direito a esperar os mais brilhantes resultados dessa patriótica iniciativa. Da nova Sociedade fazem parte os senhores:

*Socios efectivos:* Prof. Luiz de Freitas Viegas, da Faculdade de Medicina do Porto; Prof. Abel de Lima Salazar, idem; Prof. Aarão Ferreira de Lacerda, professor de paleontologia da Faculdade de Sciencias do Porto; João Grave, director do Museu Municipal do Porto; Dr. Joaquim Costa, subdirector do mesmo Museu; Prof. Bento Carqueja, professor d'economia politica da Faculdade Tecnica do Porto; Dr. José Tomaz Ribeiro Fortes, arqueologo e magistrado, redactor da antiga *Portugalia*; Dr. José da Rocha Ferreira, assistente de paleontologia da Faculdade de Sciencias do Porto; Dr. Alfredo de Mendonça da Costa Ataide, bacharel em sciencias historico-naturaes; Dr. José de Sousa Machado Fontes, secretario da Sociedade Portuguesa de Ciencia Social; Filinto Elisio Vieira da Costa, professor; Dr. Antonio Ferreira Loureiro, professor do Liceu Alexandre Herculano do Porto; Dr. Diogo Portocarrero, idem; Dr. Francisco dos Santos Pereira de Vasconcelos, antigo magistrado; Dr. Antonio Corrêa da Costa e Almeida, advogado; Visconde de Guilhomil, idem; Dr. José Alvares de Sousa Soares, medico; Eduardo de Sousa Soares, capitalista; Dr. Antonio Augusto Mendes Corrêa, assistente da Faculdade de Sciencias do Porto servindo de professor d'antropologia; Dr. Virgilio Corrêa, director da *Terra Portuguesa*; D. Sebastião Pessanha, proprietario da mesma revista; Dr. Joaquim Fontes, medico e arqueologo; Prof. Baltazar Ozorio, professor de antropologia na Faculdade de Sciencias de Lisboa; Prof. José Leite de Vasconcelos, da Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Etnologico Português; Dr. Manuel Valadares, director do Arquivo Central de Identificação e Estatistica Criminal, de Lisboa; Padre Antonio d'Oliveira, superintendente das Escolas de Reforma de Lisboa; Dr. Antonio Mesquita de Figueiredo, advogado e arqueologo; Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, director da Casa Pia de Lisboa; Prof. Eusebio Tamagnini, professor d'antropologia na Faculdade de Sciencias de Coimbra; Dr. Claudio Basto, director da *Lusa*, de Viana do Castelo; Padre Claudino de Nazareth Brites, missionario no Lubango (Angola); major Antonio Leite de Magalhães, ex capitão-mór dos Dembos (Angola); Dr. Manuel Alves da Cunha, vigario capitular de Loanda; Padre Antonio Miranda Magalhães, superior de missão, Angola; Dr. Jayme Alberto de Castro Moraes, capitão-tenente medico; Prof. Joaquim A. Pires de Lima, da Faculdade de Medicina do Porto; Mario Moraes Afonso, professor do Liceu Rodrigues de Freitas; Dr. Antonio Simões Pina, idem.

*Socios correspondentes:* Prof. Eduardo Hernandez-Pacheco, Madrid; Prof. Telesforo d'Aranzadi, Barcelona; Prof. Arthur Keith, Londres; Prof. V. Giuffrida-Ruggeri, Napoles; Prof. Henri Breuil, Paris; Dr. Ales Hrdlicka, Washington; Prof. R. Verneau, Paris; Prof. M. Boule, Paris; Eugenius Frankowski, ajudante do Instituto de Antropologia da Universidade de Cracovia.

A nova Sociedade não possui «Boletim» mas publicará monografias sobre os assuntos da sua especialidade, á maneira da «Comission de Investigaciones» de Madrid.









